

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LÍLIAN TEIXEIRA LINS

O *SOFT POWER* DA ALEMANHA NAZISTA: RESSONÂNCIAS E  
REVERBERAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Recife

2022

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Lílian Teixeira Lins

**O *SOFT POWER* DA ALEMANHA NAZISTA: RESSONÂNCIAS E  
REVERBERAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para graduação no curso de Relações  
Internacionais, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>  
Luciana Lira.

Recife

2022

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

L759s Lins, Lilian Teixeira.  
O *Soft Power* da Alemanha Nazista: ressonâncias e reverberações no Brasil contemporâneo / Lilian Teixeira Lins. – Recife, 2022.  
51 f.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lira.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2022.  
Inclui bibliografia.

1. Nazismo. 2. Brasil. 3. Soft Power. 4. Colonialidade. 5. Neonazismo. I. Lira, Luciana. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2022.2-024)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Lílian Teixeira Lins

**O *SOFT POWER* DA ALEMANHA NAZISTA: RESSONÂNCIAS E  
REVERBERAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Lira.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Artemis Cardoso, Mestre em Direito, Faculdade Damas

---

Thiago Santos, Doutor em Antropologia, UFPE

---

Orientadora, Luciana Lira, Doutora em Antropologia, Faculdade Damas

Recife

2022

**Para Guilherme, um anjo cujos questionamentos sobre o mundo me incentivaram a seguir construindo este trabalho.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a João e Evane, meus pais, os melhores que existem, que sempre priorizaram a educação dos seus filhos e nos ensinaram valiosas lições. Obrigada por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço ao amor da minha vida, Alexson, parceiro nesta caminhada e em muitas outras, e que, em inúmeras ocasiões, acreditou mais em mim do que eu mesma. Obrigada pelo incansável incentivo ao longo dos anos.

Aos meus amados tios, o grande e estimado tricolor, Tuca, e minha querida madrinha Enaide, que sempre participou da minha vida e fez parte da minha formação. Agradeço o suporte e orientações oferecidos nesta trajetória.

Ao meu irmão, Thiago, um ídolo na minha vida, e a sua linda família. Agradeço à Mayara, Benjamin e Clarice por compartilharem tantos momentos de carinho comigo.

Pelo companheirismo dos amigos, novos e antigos, agradeço a inesgotável amizade oferecida a mim. Muito obrigada, Luiza Paes, Tércio, Marianna, Mizuki, Monique, Flávia e Luisa Almeida. Agradeço também à Amanda e Luiza pela luz direcionada neste caminho.

À Professora Luciana, pela orientação deste trabalho e pelos ensinamentos durante a graduação.

## RESUMO

O presente trabalho analisou os papéis exercidos pela cultura e ideologia no exercício de *soft power* e como o regime nazista utilizou a propaganda como instrumento de difusão ideológica no Brasil. O movimento neonazista, como reverberação do empreendimento de *soft power* do regime nazista na região, representa, nas épocas atuais, um elemento de perpetuação da relação de dominação colonial, através da imposição de uma hierarquia racial, na qual a raça ariana deve se impor sobre as demais. A relevância deste trabalho consiste na análise do papel que as teorias raciais do século XIX exerceram na construção do arcabouço ideológico nazista para impor o seu projeto de poder no território brasileiro, assim como, de que forma esses estudos pseudocientíficos foram recebidos na sociedade brasileira, antes mesmo da atuação da propaganda ideológica racista divulgada pelo NSDAP no Brasil. Conclui-se que, mesmo com a derrota de Adolf Hitler, na II Guerra Mundial, o esforço empreendido na propagação ideológica racista foi bem-sucedido no território brasileiro, uma vez que a ideologia nazista continua atraindo grupos e/ou indivíduos ao movimento neonazista e, ainda exerce influência no comportamento desses atores nas épocas atuais.

Palavras-chave: nazismo; Brasil; soft power; colonialidade; neonazismo.

## ABSTRACT

The present paper analyses the roles played by culture and ideology in the exercise of “soft power” and how the Nazi regime used propaganda as a tool to disseminate its ideology in Brazil. The neonazi movement, as an echo of the Nazi’s political goals in Brazilian territory, represents, in current times, a factor that perpetuates the dynamics of colonial domination, through the reinforcement of a racial hierarchy, in which, the “Aryan race” must exercise control above the others. This study aims to evaluate the theories of race elaborated in the 19th century and its contribution as a point of reference for the ideas that revolve the Nazi ideology and its role in the power dynamic between Adolf Hitler’s Germany and Brazil. This paper also studies how the pseudo-science discussion around race was received by the Brazilian society, even before the beginning of the propaganda campaign organised by the German Nazi Party in Brazilian territory. This work pretends to explain the successful effort of political propaganda strategy, around the cultural values and other resources of “soft power”, implemented by the Nazi Party in Brazil, which continues to exercise attraction towards groups and individuals.

**Keywords:** Nazi regime; Brazil; soft power; coloniality; neonazi.



## **Lista de Ilustrações**

**Figura 1 – Capa do Deutscher Morgen, 1932, ano I, nr. Fonte: Biblioteca Digital da UNESP.**

**Figura 2- Trecho de reportagem antissemita publicada no Deutscher Morgen, 1932, ano I, nr. Fonte: Biblioteca Digital da UNESP.**

**Figura 3 – Cartaz do filme Hitlerjunge Quex, Ufa/1933. Fonte: Deutsche Welle, 2014.**

**Figura 4 – Logo criado e divulgado na comunidade do Orkut administrada por extremistas neonazistas. Fonte: Reprodução do UOL, em 06 de abril de 2011.**

**Figura 5 – grupo de manifestantes realizam a saudação nazista em protesto contra o resultado das eleições presidenciais de 2022, em São Miguel do Oeste, SC. Fonte: reprodução do jornal Estadão, de 02 de novembro de 2022.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DO SOFT POWER NA ALEMANHA NAZISTA E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A SUA RESSONÂNCIA NO BRASIL</b> .....	<b>11</b>
3.1	O período nazista e a raça como obsessão.....	11
3.2	Cultura, o <i>soft power</i> e a Escola de Frankfurt .....	17
3.3	As reverberações no Brasil .....	21
<b>4</b>	<b>UMA ESTRETÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA: A PROPAGAÇÃO IDEOLÓGICA DO ESTADO NAZISTA E O SEU <i>SOFT POWER</i> NO BRASIL</b> .....	<b>24</b>
4.1	A propaganda nazista como instrumento de <i>soft power</i> no Brasil .....	24
4.2	Povo não eleito: a incorporação do princípio racial nazista no Brasil e sua reconfiguração .....	31
<b>5</b>	<b>A PRESENÇA DO PENSAMENTO NAZISTA NA CONTEMPORANEIDADE: O NEONAZISMO BRASILEIRO COMO SINAL DE VITALIDADE DA IDEOLOGIA NAZISTA NO PAÍS E A SUA PROPAGANDA</b> .....	<b>34</b>
5.1	Movimento neonazista brasileiro: um emprego bem-sucedido de <i>soft power</i> do regime nazista com impactos na contemporaneidade.....	34
5.2	Particularidades do neonazismo no Brasil: um debate sobre a questão racial.....	38
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O fim da I Primeira Guerra Mundial, acrescido das imposições do Tratado de Versalhes, trouxe pesados desdobramentos econômicos, políticos e sociais para a sociedade alemã. A Alemanha foi apresentada a uma solução drástica para os problemas vivenciados desde meados de 1924, sob a liderança da figura de Adolf Hitler: a ideologia nazista, que trazia esperança de recuperação e vingança.

Desde o primeiro dia como chanceler alemão em 1933, o *Führer*, trouxe consigo para o cargo de Ministro do Iluminismo Popular e Propaganda, Joseph Goebbles, indivíduo responsável pela disseminação das ideologias do Partido Nazista desde 1928 como Diretor de Propaganda do grupo político. O presente trabalho apresentará uma análise sobre a utilização da ferramenta propagandista como instrumento de *soft power* da Alemanha nazista na disseminação da sua ideologia racista, com ênfase no papel que essa difusão pode ter exercido no Brasil contemporâneo.

Joseph Nye detalha dois conceitos de poder - *hard power* e *soft power* – sendo esse último analisado neste trabalho. Digno de nota, à época em que o autor propunha as suas ideias, ele buscava apresentar alternativas para que os Estados Unidos diversificassem sua atuação no cenário político internacional, não mais priorizando o tradicional *hard power*, pela coerção e intimidação, e sim o *soft power*, que de acordo com ele, adivinha da atratividade cultural, políticas do país e ideais políticos.

Este trabalho focará no empreendimento realizado pelo Partido Nazista (NSDAP, sigla em alemão) de *soft power* como ferramenta de atração de apoiadores do movimento e manutenção de controle das massas alemãs, e para além das suas fronteiras, a exemplo do Brasil. É também objetivo deste trabalho propor a reflexão sobre as relações de poder construídas a partir do exercício de influência da Alemanha nazista sobre o Brasil, extrapolando conceitos de colonialidade e a perpetuação de uma dinâmica eurocêntrica de dominação racial e suas eventuais reverberações na sociedade brasileira.

Para o desenvolvimento da análise proposta, o presente trabalho contará com o embasamento de conceitos basilares para a compreensão do tema, através de um estudo de caso associado a uma análise bibliográfica que abordem os conceitos de *soft power*, o método propagandista da ideologia nazista, com foco na questão racial, o exercício do *soft power* do NSDAP, e por fim, as ressonâncias dessa dinâmica no Brasil a partir de uma perspectiva pós-colonial.

## 2 MÉTODO

O método de pesquisa realizado neste trabalho de conclusão de curso pode ser considerado quanto à natureza de pesquisa básica, com uma abordagem de pesquisa qualitativa. Com o objetivo de captar dados, o estudo será realizado a partir de um levantamento bibliográfico, de produções acadêmicas já publicadas e também com base na busca por fontes primárias, como documentos históricos, sejam eles de gênero textual, iconográfico ou cinematográfico.

No momento inicial, será desenvolvido uma contextualização histórica do período nazista alemão, através da leitura e análise da bibliografia escolhida. Além disso, serão desenvolvidos estudos sobre o conceito de *soft power*, abordando o processo de definição do termo através da consulta de livros, periódicos e artigos científicos.

Em um segundo momento, se fará uma investigação da política de propaganda do Partido Nazista (NSDAP) e a sua atuação nacional e internacional através da análise de documentos históricos, como fontes de jornal, um filme e uma imagem, os quais passarão por uma análise minuciosa.

Posteriormente, será feita uma análise da ampliação e do alcance da ideologia nazista no Brasil atual, a partir do estudo de uma bibliografia especializada que investiga o crescimento do movimento neonazista na região e sua popularização como ferramenta de dominação. Nesta etapa, também será realizada a delimitação temporal do termo “neonazista” e como este se diferencia do termo “nazista”. Além disso, também será elaborado um gráfico baseado em informações obtidas do levantamento bibliográfico, o que pode contribuir para uma melhor apresentação dos dados analisados. Sem falar da apresentação e análise de imagens que correspondem às manifestações neonazistas organizadas no Brasil, como forma de comprovar as hipóteses do presente trabalho.

### **3 A CONSTRUÇÃO DO SOFT POWER NA ALEMANHA NAZISTA E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A SUA RESSONÂNCIA NO BRASIL**

Neste capítulo, com o objetivo de responder como o empreendimento de *soft power* alemão do período nazista pode ter tido influência na difusão do movimento neonazista no Brasil contemporâneo, será realizado um resgate histórico da Alemanha na ocasião em questão. Analisa-se também as razões que contribuíram para a emersão do movimento nazista, em particular o papel da questão racial.

Em seguida, promove-se um estudo dos conceitos organizados por Joseph Nye sobre *soft power* e a utilização da propaganda ideológica como ferramenta estratégica da política nazista e as contribuições que a Escola de Frankfurt ofereceu para os estudos sobre o tema. Como desfecho, é apresentada a participação internacional do Partido Nazista no Brasil, e uma breve reflexão sobre as condições de apropriação dos ideais nazistas internamente, muito pautado nos preconceitos raciais já existentes no país.

#### **3.1 O período nazista e a raça como obsessão**

O término da I Guerra Mundial (1914-1918) acompanhado das imposições do Tratado de Versalhes (1919) contribuíram para uma crise econômica, política e social na Alemanha, conforme Alcir Lenharo (1990). De forma geral, a ideia de que essas condições foram o alicerce do surgimento do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* - NSDAP), o Partido Nazista, é amplamente aceita entre historiadores. E de fato, até meados de 1924, a sociedade alemã passou por uma difícil situação econômica, com alto índice de desemprego e inflação. Nessa circunstância, em 1919, foi criado o Partido dos Trabalhadores Alemães (*Deutsche Arbeiterpartei* - DAP) por Anton Drexler e Karl Herrler, constituindo um grupo político sem muita expressão naquela época (LENHARO, 1990).

Em 1920, Adolf Hitler assumiu a direção do partido, o renomeando Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) (LENHARO, 1990). Com a crescente relevância do partido no cenário político do país, Hitler começou a orquestrar um golpe de Estado em Berlim, o “*putsch*”, à luz da “marcha sobre Roma” dos fascistas do seu vizinho europeu, a Itália (BERTONHA, 2000). Porém, o levante contra o governo ruiu rapidamente, o NSDAP não conseguiu o apoio do Exército, nem da polícia estadual local, e a operação fracassou. (KERSHAW, 2010).

Como resultado da tentativa de golpe, Hitler foi preso em 1923. Ian Kershaw (2010), historiador e biógrafo de Adolf Hitler, afirma que, enquanto preso, a “visão de mundo” do líder alemão sofreu um importante ajuste. A princípio, o entendimento de que não seria possível chegar ao poder com a oposição das Forças Armadas foi uma importante lição. Em seguida, construiu a “sua crença de que a propaganda e a mobilização de massa, e não o golpismo paramilitar, abririam o caminho para a ‘revolução nacional’.” (KERSHAW, 2010, p.170). As ideias dele sobre política externa futura também foram refinadas, inclusive na noção de busca de “espaço vital”:

Misturado a seu antissemitismo obsessivo, voltado para a destruição do ‘bolchevismo judeu’, o conceito de uma guerra por ‘espaço vital’ – que Hitler enfatizaria repetidamente nos anos seguintes – deu forma a seu arcabouço de ideias (KERSHAW, 2010, p. 179).

Essa é uma clara apropriação de conceitos acadêmicos, como o de Friedrich Ratzel, o espaço vital, para justificar a aplicação dos ideais nazistas na sociedade, além do evidente antissemitismo que já havia gradualmente penetrado a maior parte das camadas sociais europeias até surgir como “a única questão que podia unir a opinião pública” (ARENDDT, 2012, p. 53). A reinterpretação e ajuste de conceitos acadêmicos aos moldes dos interesses totalitários do regime nazista não ocorre exclusivamente com a ideia de Espaço Vital estudada por Ratzel, e essa particularidade será analisada em outros campos de estudo científico ao longo deste trabalho.

Kershaw (2010) também descreve que durante o seu processo de julgamento, ainda preso, Adolf Hitler deu andamento à produção do primeiro volume de sua conhecida obra, *Mein Kampf* (Minha Luta). “O livro não trazia nada de novo. Mas era a declaração mais clara e expansiva de sua ‘visão de mundo’ que havia apresentado.” (KERSHAW, 2010, p. 179). Sendo assim, a obra é essencial para a compreensão dos pensamentos do *Führer* e os objetivos que ele ambicionava para o Partido Nazista e a sociedade alemã. Segundo Adolf Hitler, “a questão racial dá a chave não somente para a história mundial, mas também para toda a cultura humana” (Hitler *apud* KERSHAW, 2010, p. 181). A partir dessa afirmação, Kershaw (2010, p. 181) comenta:

O movimento nazista tinha então uma clara missão: destruir o ‘bolchevismo judeu’. Ao mesmo tempo – num salto de lógica que avançava convenientemente para uma justificativa da conquista imperialista direta - propiciando ao povo alemão o ‘espaço vital’ necessário para que a ‘raça superior’ se sustentasse.

Ainda sobre a importância do componente racial na estrutura de ideias hitlerianas e do movimento nazista, João Fábio Bertonha (2000) afirma que, apesar de compartilhar similaridades com o fascismo italiano do início dos anos 20, com o nacionalismo exacerbado, militarismo, desprezo pela democracia, anticomunismo, irracionalismo, etc. (BERTONHA, 2000), a questão da raça é o mais evidente componente que diferencia o fascismo alemão de Adolf Hitler com o de Benito Mussolini, na Itália. De maneira que:

Para os fascistas italianos, por exemplo, o Estado era a base de tudo enquanto para os nazistas o Estado era apenas a expressão da ‘comunidade racial do povo’, a qual seria realmente a chave da sociedade nazista. Do mesmo modo, o racismo e o anti-semitismo são virtualmente desconhecidos no fascismo de Mussolini até 1938, enquanto que, sem eles, torna-se impossível entender o nazismo. (BERTONHA, 2000, p.3).

Mas por que o elemento racial exerceu papel tão central nos objetivos políticos alemães sob a liderança de Adolf Hitler? A filósofa Benedetta Bisol (2020), realizou uma análise sobre a “biopolítica nazista”, especificamente ao redor das reflexões produzidas por Emmanuel Levinas, em 1934, sobre o antissemitismo. A autora promove uma reflexão em torno da relação entre biologia e política, enriquecendo o estudo sobre o tema para além do predomínio historiográfico. Segundo Bisol (2020, p. 132):

A ‘invenção da raça’ consistiu, historicamente, em defender como *natural* o que é de fato uma construção cultural. Segundo critérios hoje considerados pseudocientíficos, uma hierarquização dos grupos humanos, se legitimaram, no nível político e social, a perseguição, a discriminação, a exclusão e até o extermínio sistemático, como no caso do nazismo, de grupos considerados inferiores.

A pesquisadora defende que o “discurso racista”, mesmo que presente desde a modernidade - atrelado a uma expressão de intolerância religiosa por parte da Península Ibérica cristã -, “acha a sua formulação mais plena nas teorias racialistas do século XIX” (BISOL, 2020, p. 132), e, caracteriza a ideologia nazista como sendo um agrupamento de ideologias “clássicas”, somadas à teologia:

[...] o nacionalismo, as filosofias da história conotadas em chave etnocêntrica assim como as pseudociências da vida (antropologia física e criminal, frenologia, e eugénica, darwinismo social, biologia e higiene racial). Na ideologia nazista, todas essas estruturas estão presentes e apoiam uma *radicalização da dimensão biozoológica* [...]. (BISOL, 2020, p. 134).

As “pseudociências da vida” listadas por Benedetta Bisol (2020), no trecho acima, foram discutidas também pelo jornalista e mestre em Relações Internacionais, Eduardo Szklarz (2022). O autor apresenta algumas obras do século XIX como fundamentais para a difusão de

argumentos racistas redesenhados como argumentos científicos, a exemplo da obra *Estática Social* (1850), do filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903) (SZKLARZ, 2022).

Herbert Spencer é considerado o mentor do darwinismo social, definido como uma aplicação na sociedade humana das leis da teoria da seleção natural de Charles Darwin. É atrelado a Spencer, inclusive, a criação da expressão “sobrevivência dos mais aptos” (BOLSANELLO, 1996). O darwinismo social defende a ideia de que os seres humanos são naturalmente desiguais e com aptidões inatas, sendo algumas dessas aptidões inferiores, e, outras superiores. Em paralelo, outros campos da ciência desenvolveram estudos pseudocientíficos que conversavam em harmonia com o darwinismo social como os campos da sociologia, da antropologia, da neurologia, da genética, da psicologia e da etnologia. (BOLSANELLO, 1996, p. 154), descritos também por Benedetta Bisol (2020) em sua análise.

A psicóloga e pesquisadora Maria Augusta Bolsanello (1996), assim como Bisol (2020), também defende o argumento de que o darwinismo social era, na verdade, ideológico, e não científico. Segundo Bolsanello, “(...) [*o darwinismo social*] estava, desde o início, associado a uma apologia do *laissez-faire* econômico e social, a uma defesa da sociedade capitalista. Assim, rapidamente vinculou-se a ideologias eugenistas e racistas.” (BOLSANELLO, 1996, p.154-155).

Outro elemento fundamental nesse campo pseudocientífico se concentrava nas ideias eugenistas, preconizadas por Francis Galton (1822-1911). Na eugenia, o Estado deve agir ativamente no aperfeiçoamento da raça humana e favorecer a formação de uma “elite genética”, na qual os tidos como inferiores deveriam ser “eliminados ou desencorajados de procriar” (BOLSANELLO, 1996, p. 155). Na França, o conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), é conhecido por ser o primeiro a trazer “cientificidade” à hierarquização racial, ao categorizar a raça ariana como “a mais nobre de todas” (GOBINEAU *apud* Bolsanello, 1996, p. 155), no livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, de 1853.

As ideias do conde francês são conhecidas por terem sido basilares na construção do ideário nazista sobre a raça ariana e a sua “cientificamente” comprovada superioridade sobre as demais, tornando Arthur de Gobineau grande inspirador dos discursos de Adolf Hitler (SZKLARZ, 2020). A “visão de mundo” apresentada pelas teorias raciais do século XIX foram traduzidas à realidade através das políticas de Estado adotadas sob o regime do *Führer*, cujo objetivo era a criação da chamada *Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo), uma comunidade cuja fronteira não era delimitada territorialmente, e sim pela “instituição de um Estado propriamente germânico (...), rejeitando a democracia e concentrando os poderes em um líder



forte, para salvar o conjunto de valores originais alemães da degeneração (...)” (WELCH *apud* Lucas, 2011, p.31).

Em síntese, a defesa da criação da *Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo) é um elemento central para a institucionalização da “visão de mundo” de Adolf Hitler que, como descrito anteriormente neste capítulo, foi ainda mais cristalizada no ideário do líder nazista durante o seu período na prisão, em 1923. A análise desse elemento é chave, pois remete a um significado mais profundo na consciência individual sobre o seu pertencimento dentro de uma comunidade tribal, e será abordado novamente mais adiante neste capítulo. O sentimento de comunidade ganha respaldo com as teorias eugenistas, pois toma para si a legitimidade que reveste o campo da ciência, através dos estudos apresentados pela pseudociência sobre raça, como justificativa válida para a aplicação de políticas de Estado que são, na verdade, baseadas em uma estrutura ideológica/cultural.

A “visão de mundo” amadurecida pelo futuro ditador ocupa espaço importante quando o *Führer* chega ao poder, e isso ocorre apenas em janeiro de 1933 após complexa negociação entre aliados de Adolf Hitler e do presidente alemão Paul Hindenburg, que acaba por oferecer a chancelaria ao líder nazista. “Hitler é chanceler do Reich. É como se fosse um conto de fadas” (Goebbels *apud* KERSHAW, 2010, p. 287).

O sentimento de vitória com a definição do novo chanceler da Alemanha também era compartilhado por grupos de “nazistas fanáticos” mais populares (KERSHAW, 2010), agora vivendo os ecos da quebra da Bolsa de Nova York (1929) na economia alemã. Enquanto o número de desempregados no segundo semestre de 1930 ultrapassou a marca de três milhões de pessoas (LENHARO, 1990), a população continuava radicalizando o seu voto à direita. Como resultado “os nazistas subiam de 12 para 107 cadeiras; os comunistas, de 54 para 77 cadeiras” (LENHARO, 1990, p. 25). Em 1932, o número de desempregados chegava a seis milhões, representando quase um terço da classe trabalhadora (LENHARO, 1990).

O papel do povo alemão na escalada de poder do Partido Nazista também é amplamente estudado. Para o historiador Felipe Carvalho Monteiro (2017), esse grupo apoiador, através da ideologia nazista, conseguia vislumbrar a possibilidade de vingança contra um “grupo externo”. Segundo ele, “a sociedade alemã estava preparada para acolher esse sentimentalismo exacerbado de nacionalismo xenóforo.” (MONTEIRO, 2017, p. 45). Se construía assim uma plataforma que amparava as ambições do Partido Nazista em formar um Estado que “deveria conter, além do velho sonho de uma unidade harmoniosa, também a ideia não menos sugestiva de uma nação poderosa e temida.” (RIBEIRO JUNIOR, 1987, p.23).

Para Burgio (*apud* Bisol, 2020), a construção arbitrária de um inimigo externo baseada em raça, atende a uma necessidade social de equilíbrio entre ordem e racionalização:

O racismo descreve um mundo ordenado (certo, estável e protetivo), ancorado em hierarquias indiscutíveis e por definição legítimas (representação e construídas como ‘naturais’) e delimitado por fronteiras que excluem inimigos e culpados. (BURGIO *apud* Bisol, 2020, p. 135).

Essa “biologização do preconceito” (Bisol, 2020, p.134), presente na ideologia nazista, abarcava também ciganos, negros, judeus e homossexuais, numa busca por justificação biológica de uma espécie cujos comportamentos tidos como degenerados são “expressões da identidade genética” do indivíduo, tornando essas espécies inerentemente inferiores à raça ariana (BISOL, 2020).

Existem ainda contribuições de pesquisa para a compreensão sobre a relação que grupos sociais constroem entre a ideia de unidade racial e o “sentimento de nacionalidade”, e essa análise é importante para maior entendimento sobre o apelo que esse relacionamento possui entre os indivíduos. Um desses autores é Max Weber (1864-1920), que analisa a questão quando disserta sobre “comunidade étnica”. Segundo o sociólogo alemão, a “pertinência à raça” compõe peça fundamental dentro da ideia de “comunidade étnica”:

É claro que esta [‘pertinência à raça’] somente conduz a uma ‘comunidade’ quando é sentida subjetivamente como característica comum, o que ocorre apenas quando a vizinhança local ou outros vínculos entre pessoas de raças distintas levam a uma ação comum (na maioria das vezes, política) ou quando, ao contrário, certo destino comum dos racialmente homogêneos se liga a algum contraste existente com outros de características acentuadamente distintas. (WEBER, 2015, p. 267).

Dessa forma, é feita uma reflexão sobre o senso de pertencimento no consciente dos indivíduos por meio do compartilhamento da raça. Na visão dele, essa não constitui o “único elemento” formador de identidade, haja vista a sua importância atribuída à comunidade política (Weber *apud* COSTA, 2006). A historiadora brasileira Giralda Seyferth (1943-2017) também contribuiu para a compreensão da formação desses grupos sociais. Segundo ela:

[...] prende-se às construções simbólicas primordialistas como elementos da definição de grupo étnico e nação, acentuando, ao mesmo tempo, seu caráter político. Os sentimentos ‘étnico’ e ‘nacional’, para ele, alimentam-se de fontes as mais diversas, que incluem política e poder, religião, hábitos condicionados pela ideia de raça e pela cultura, sentimentos específicos de honra étnica etc. (SEYFERTH, 2000, p.83).

A complexidade relacional desses grupos sociais fica mais evidente quando eles iniciam contato com outros grupos. A partir de então, pertencer ao próprio grupo significava também ser diferente dos demais, empregando-se aí a tradição e os costumes como elementos

diferenciadores (COSTA, 2006). Esse movimento acaba por reunir em indivíduos um senso de coletivo particular, especialmente no plano intangível, como a construção de memória, vínculos e costumes. Esse comportamento coletivo é chamado por Weber de “consciência tribal”:

[...] a existência da ‘consciência tribal’ costuma significar algo especificamente político: diante de uma ameaça de guerra vinda do exterior, ou de um estímulo suficientemente forte a atividades guerreiras próprias contra o exterior, é particularmente fácil que surja sobre essa base uma ação comunitária política, sendo esta, portanto, uma ação daqueles que se sentem subjetivamente ‘companheiros de tribo’ (ou de ‘povo’). (WEBER, 2015, p. 274).

Esses componentes podem ser os alicerces para o nascimento de uma consciência nacional, ou, “sentimento de nacionalidade” que seria a institucionalização dessa “consciência étnica” por uma estrutura política que lhe desse sustentação (COSTA, 2006). Diversas fontes alimentam os sentimentos de comunidade ou coletivo de “nacional” (WEBER, 2015), também ditas pelo autor como:

Lembranças políticas comuns, a confissão religiosa e, por fim, a comunidade de língua (...), bem como, naturalmente o habitus racialmente condicionado. Esse último atua frequentemente de modo peculiar. (WEBER, 2015, p. 277).

### **3.2 Cultura, o *soft power* e a Escola de Frankfurt**

Para analisar o empreendimento de *soft power* pelo Partido Nazista como ferramenta de política internacional, é necessário compreender esse recente conceito de poder. A ideia de *soft power* foi proposta pelo cientista político Joseph Nye, sendo amplamente divulgada em 2004, em seu livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, obra de grande relevância no campo das Relações Internacionais.

A priori, Nye (2005) define o que é poder. Para ele, é a habilidade de influenciar o comportamento de outros para conquistar os objetivos desejados, e salienta que as maneiras de exercer essa influência são variadas. De acordo com o autor, é possível fazer uma coação sem ameaças, induzindo os indivíduos a pagarem impostos, ou atraí-los e cooptá-los para a realização do que se deseja impor sobre eles. (NYE, 2005, p.2)

Devido às mudanças decorrentes das novas tecnologias em comunicação, desenvolvimento nuclear e transformações sociais, Nye afirma que os Estados têm variado as formas de exercer o seu poder na política internacional e no campo militar (NYE, 2005, p. 19). O autor se propõe, portanto, a explicar uma dessas alternativas, o *soft power*, que consiste na capacidade de moldar a preferência de outros por meio da atração, e não por pagamento ou coerção, que são mecanismos do *hard power*.

Enquanto o *hard power* é uma ferramenta amplamente conhecida por sua tradicional utilização por países capazes de punir, através da força bruta, ou recompensar os demais - seja através de pressão econômica ou força militar -, o *soft power* é um conceito que abrange a capacidade de uma nação em impor as suas vontades frente às outras por meio da persuasão, envolvendo a habilidade de atração cultural e de valores políticos e ideológicos (BERTONHA, 2009).

As discussões no campo das Relações Internacionais sobre a relevância e eficácia dos dois tipos de poder são comuns, especialmente quando os Estados hegemônicos são estudados, e, em obra posterior, *The Future of Power*, de 2011, Joseph Nye aborda a complexidade que envolve esses estudos sobre poder. Para ele, o poder não se coloca de maneira estática e com base em uma única definição teórica, pois vários são os recursos e elementos que compõem as estratégias que venham a funcionar para um Estado, sendo assim, “são as capacidades de influência aliadas aos recursos de um Estado que determinam o grau de poder que este vai conseguir exercer” (Nye *apud* LIMA, 2014, p. 21).

A política nazista é amplamente estudada como exemplo da utilização dessas duas formas de poder – o *hard* e o *soft power* –, “embora o conceito de *soft power* só remonte a 1990, o comportamento por ele denotado é tão antigo quanto a história da Humanidade” (NYE, 2013, p. 434).<sup>1</sup> Desde os anos 1930 e 1940, a Alemanha de Adolf Hitler já tinha na propaganda, por exemplo, uma das principais ferramentas da organização política e ideológica proposta pelo NSDAP, postas em prática por um ministério próprio que alavancasse os seus ideais, o Ministério do Iluminismo Popular e Propaganda, ou Ministério da Propaganda.

O Ministério da Propaganda foi criado em 1933 e foi liderado por Joseph Goebbels que, desde 1928, era Diretor de Propaganda do NSDAP (MONTEIRO, 2017), dando início a um trabalho bem estruturado com o objetivo de envolver o maior número de apoiadores para o movimento. Goebbels e Hitler tinham conhecimento da importância que a ferramenta propagandista possuía para a atração, controle e manutenção da ideologia sobre as massas. Por isso, desde o início, o Ministério passou a controlar e interferir na produção cultural da sociedade. O departamento ideológico fiscalizava rádio, literatura, propaganda, imprensa e cinema (DIEHL, 1996). Adolf Hitler expressa a importância da instrumentalização da mídia

---

<sup>1</sup> Tradução livre de um trecho escrito por Joseph Nye em manual organizado por terceiros. “Though the concept of soft power only goes back to 1990, the behaviour it denotes is as old as human history”. COOPER, Edited Andrew F; HEINE, Jorge; THAKUR, Ramesh (Org.). **The Oxford Handbook of Modern Diplomacy**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

para fins políticos ao longo da sua obra autobiográfica, *Minha Luta* (1983), a exemplo do excerto abaixo:

O teatro, a arte, a literatura, o cinema, a imprensa, os anúncios, as vitrines, devem ser empregados em limpar a nação da podridão existente e pôr-se a serviço da moral e da cultura oficiais. E em tudo isso, o objetivo único deve ser a conservação da saúde do povo, tanto do ponto de vista físico como do intelectual. (HITLER, 1983, p. 140).

A relação entre a cultura e a sociedade é analisada em diversos campos, e na Alemanha, com as transformações sociais e econômicas apresentadas conjuntamente com o processo de industrialização da sociedade no início do século XX, a Teoria Crítica ascende em meio às tendências autoritárias regionais, a partir da criação do Instituto de Pesquisas Sociais, em 1923, em Frankfurt (RIBEIRO, 2010), também denominada Escola de Frankfurt:

Os principais intelectuais da ‘Escola de Frankfurt’, que possuíam pensadores de variadas formações, tinham como principais pressupostos a crítica ao racionalismo enquanto ideologia da humanidade e a crítica aos sistemas que reproduzem essa ideologia e controla a sociedade, numa tendência marxista que se misturou com a influência freudiana e weberiana. (FERREIRA, 2008, p. 332).

As contribuições de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, ambos autores frankfurtianos, dialogam diretamente com os impactos sociais da ideologia nazista reproduzida às massas, e o controle social por ela exercida. Os pensadores somam aos estudos sobre o empreendimento de *soft power* da Alemanha nazista apresentadas neste estudo, pois enriquecem as análises sob uma perspectiva mais crítica quanto ao papel desempenhado pelo domínio cultural na sociedade.

Em trabalho conjunto, Adorno e Horkheimer produziram a obra *A Dialética do Esclarecimento*, em 1947. A obra faz uma crítica à chamada Razão Instrumental, resultante da racionalidade exacerbada, que segundo os autores, era promovida pelo Iluminismo (FERREIRA, 2008). A obra atribui aos valores iluministas de culto à razão, o desenvolvimento de modelos de pensamentos que compunham um sistema ideológico capaz de marginalizar “qualquer outra perspectiva de ação e pensamento que não seja a racional.” (FERREIRA, 2008, p.333). Essa dinâmica criada pela *Razão Instrumental* – também denominada razão técnica, que segundo Ferreira (2008), decorre da “racionalidade do ‘esclarecimento’” - é interpretada por Wallace Ferreira (2018, p.334) da seguinte forma:

[...] a lógica proposta pela razão técnica é fria e quantificadora, tendo sido hipertrofiada pelo desenvolvimento do industrialismo e do homem capitalista, se disseminando por todas as esferas da modernidade. O efeito desse fenômeno é o fim

do pensamento, a desvalorização da filosofia, e o desenvolvimento da lógica utilitarista e imediatista. Assim, a razão técnica utiliza o número como arma, que mantém o pensamento preso a mera imediatidade, tal como se faziam nas guerras da época e no nazi-fascismo.

A Razão Instrumental atua então, como um elemento que trabalha em prol do “esclarecimento” do mundo ao redor do indivíduo, porém acaba por desencadear um esvaziamento das diversas esferas sociais mais tradicionais – costumes, religiosidade, experiências etc.- e os seus significados, afastando este indivíduo da sua natureza original. Essa mudança de lógica coloca a técnica e a ciência como aspectos centrais nesse modelo de sociedade, passando, dessa forma, a também transformar o seu meio.

Para estudar esse movimento na sociedade industrial, Adorno e Horkheimer produzem um capítulo denominado *A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas*, na obra *A Dialética do Esclarecimento* (1947). Em síntese, o capítulo analisa o que eles chamam de Indústria Cultural, a sua objetividade – emblema dessa sociedade industrial – presente na construção desses novos símbolos culturais, assim como o seu caráter repetitivo e pouco original, mas capaz de desempenhar importante papel no consciente individual e coletivo, graças a sua onipresença nas vivências dessa sociedade.

O capítulo demonstra diversas relações entre a sociedade e a expressão cultural produzida em massa, fomentada pelo cinema, rádio e revistas, - mídias essas consideradas um sistema, mesmo as que possuem “manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo de aço.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118) – como um meio poderoso para moldar a mentalidade de indivíduos. Esse entendimento vai de encontro com a importância que o regime nazista atribuía às produções propagandistas desde a criação do Partido Nazista, como descrito anteriormente neste capítulo.

A propaganda nazista evidencia o processo descrito por Adorno e Horkheimer, uma vez que, seguindo a lógica da racionalidade puramente cientificista – nesse caso, pseudocientificista – utiliza os meios de comunicação de massa para moldar culturalmente indivíduos e sociedade, mesmo que esse comportamento desumanize grupos específicos. Esse esforço político de *soft power* da Alemanha nazista, através da cultura (apontada por Joseph Nye (2005) como um dos recursos de *soft power*) é traduzido através dos inúmeros estudos que envolvem a análise dos métodos propagandistas do regime liderado por Adolf Hitler e a sua capacidade de influência cultural por meio de uma reprodução ideológica massificada. David Welch (2002) evidencia o crescimento na capacidade de reprodução ideológica do Partido Nazista nos meios de comunicação de massa partir de 1933. Segundo ele, os nazistas possuíam 59 jornais no início

do ano, somando 782.121 exemplares em circulação diariamente. Até o final de 1933, foram adquiridos mais 27 jornais, aumentando a circulação de exemplares diários em 2,4 milhões (2002, p. 45).

### 3.3 As reverberações no Brasil

Para além das fronteiras territoriais alemãs, a influência que o Partido Nazista exerceu no cenário político internacional também é objeto de estudo em áreas variadas. A historiadora brasileira Ana Paula Dietrich (2005) afirma que “o Partido Nazista no exterior esteve presente em 83 países do mundo, com 29 mil integrantes” (2005, p.1), e essa participação na sociedade permitiu que o movimento nazista disseminasse a sua ideologia nas décadas de 1930 e 1940. Sua estruturação era realizada através da *Auslandsorganisation der NSDAP* – Organização do Partido Nazista no Exterior (A.O., sigla em alemão) (DIETRICH, 2005).

No Brasil, graças a proporção de imigrantes da Alemanha, a participação do Partido Nazista se fez presente. De acordo com Nunes (2020), há um impasse quanto ao levantamento do contingente alemão no território brasileiro. Porém, segundo Neusa Soliz (2004) o número aproximado corresponde a 250 mil pessoas<sup>2</sup>, distribuídos em diversas ondas migratórias, sendo 80 mil delas desembarcadas entre os anos de 1918 e 1933, ano em que Hitler ascendeu ao poder. Segundo o mesmo levantamento realizado em 2004, os descendentes correspondem a 5 milhões de pessoas. Esse volume de nacionais germânicos em um Estado internacional resultou em um trabalho institucionalizado e executado pelo NSDAP e a A.O. de difusão da ideologia nazista em solo brasileiro. O Partido Nazista tinha no Brasil o maior número de partidários fora da Alemanha, com 2.903 integrantes (LUCAS, 2011, p. 1).

A política de branqueamento da população brasileira instituída pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, na década de 1930, é apontada por diversos historiadores como pilar para o acolhimento dos imigrantes europeus no Brasil. Como relata Éderson da Rosa Pereira (2016, p. 73):

Esse movimento era de índole fascista e nacionalista e defendia a reestruturação étnica e cultural no Brasil. A campanha pró-branqueamento foi muito bem recebida pelo governo Vargas. Ele teve por base ideológica os estudos empreendidos por europeus, como o determinismo de Henry Thomas Buckle, o darwinismo social de Hebert Spencer e o arianismo de Gobineau.

---

<sup>2</sup> Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/as-diferentes-fases-da-imigração-alemã-no-brasil/a-1195367>> Acessado em 10/10/2022.

Porém, a conceitualização de que uma transformação étnica adequaria o país aos moldes de civilização europeia não é originário da década de 1930. Segundo Lilia M. Schwarcz (1993), em seu livro *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, esse elemento é discutido no Brasil desde o fim do século XIX, seguindo produções científicas europeias já integradas ao senso comum do Velho Mundo. Esses estudos científicos atuaram como referencial na construção do modo social brasileiro. Para Schwarcz (1993, p.25):

Grandes leitoras da literatura produzida na Europa e nos Estados Unidos, as elites brasileiras não passariam incólumes aos ditames que vinham do estrangeiro. Por outro lado, recém-saída da desastrosa Guerra do Paraguai e vivendo, nos últimos anos do Império, um período de relativa estabilidade econômica motivada pela produção cafeeira, a monarquia brasileira tencionava diferenciar-se das demais repúblicas latino-americanas aproximando-se dos modelos europeus de conhecimento e civilidade. Nos institutos, nos jornais, nos romances, era como uma sociedade científica e moderna que o Brasil de finais de século pretendia se auto-representar.

O ímpeto do Império em adequar a construção de uma nação brasileira aos modelos europeus de sociedade, somado à vontade de se desvincular da imagem “selvagem” e de “povo bárbaro” que os países latino-americanos possuíam para a sociedade internacional europeia, orientou a difusão de ideologias amplamente divulgadas pela comunidade científica da Europa, mesmo possuindo um caráter segregador para o povo brasileiro, mas que trabalhavam em prol do objetivo de envernizar esse país tropical e “atrasado” com modernidade e ciência.

Um tema recorrente às ideias científicas do período envolvia estudos sobre teorias raciais. Nesse sentido, a miscigenação brasileira era fator determinante para o fracasso da formação do Brasil como nação moderna (SCHWARCZ, 1993). Henry Thomas Buckle (1821-1862), historiador britânico e citado por Pereira (2016) como uma das referências para a validação da política de branqueamento do governo Vargas, em visita ao Brasil diz o seguinte:

Em nenhum outro lugar há tão precioso contraste entre a grandiosidade do mundo externo e a pequenez do interno. E a mente acovardada por essa luta desigual não só foi incapaz de avançar, mas sem a ajuda estrangeira teria indubitavelmente regredido. (BUCKLE *apud* SCHWARCZ, 1993, p. 29).

Aqui convergem os objetivos traçados pelo estado brasileiro sob à luz de teorias eurocentristas que abrangem as teorias eugenistas, darwinistas, evolucionistas e do determinismo social, aprofundadas previamente neste capítulo, para a reforma da sua estrutura social, com a ideologia racista característica do movimento nazista utilizada por Adolf Hitler como umas das suas ferramentas de dominação e poder estatal.

Ainda sobre a questão racial, em conjunto com pesquisadores do grupo Modernidade/Colonialidade, o cientista social peruano Aníbal Quijano contribui para os



estudos realizados sobre os pilares das relações de poder na contemporaneidade, enriquecendo o debate das Relações Internacionais. Quijano (2005, p.117) defende que, por meio da ideia de raça, baseada inicialmente como elemento diferenciador entre colonizados e colonizadores, dando aos colonizados um papel inferior, foi construído um novo padrão de poder na América Latina.

Aníbal Quijano (2005) ainda propõe que através da ideia de raça, novas identidades sociais surgiram como índios, negros e mestiços, assim como também a denominação europeia. O que inicialmente era utilizado como forma de identificar a origem geográfica do indivíduo se transforma em característica determinante para a construção de identidades novas. Essas novas identidades foram instrumentalizadas, com o objetivo de formar novas hierarquias, estabelecendo um novo padrão de dominação na sociedade (QUIJANO, 2005).

Enquanto o colonialismo europeu seguiu expandindo ao redor do mundo, Quijano atribui à “elaboração da perspectiva eurocêntrica de conhecimento” (2005, p. 118) o desenvolvimento teórico da ideia de raça, que serviu como ferramenta de naturalização das relações coloniais de dominação praticadas entre europeus e não-europeus. (QUIJANO, 2005). O autor ainda reforça que:

Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, pg.118).

Então, partindo de uma reflexão sobre o conceito de colonialidade para além das relações entre países colonizados e colonizadores, considerando a Alemanha nazista de Adolf Hitler como país central e detentor de poder, pareceu exercer papel de país “colonizador” – desta vez imperialista - sobre um país periférico, como o Brasil. Além disso, encontrou aqui um espaço onde as teorias científicas raciais eurocêntricas, utilizadas também pela propaganda nazista durante o regime hitleriano não eram novidade.

## 4 UMA ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA: A PROPAGAÇÃO IDEOLÓGICA DO ESTADO NAZISTA E O SEU *SOFT POWER* NO BRASIL

Neste capítulo será realizado um estudo sobre a atuação da propaganda nazista no Brasil, através da análise de elementos identificados em mídias de comunicação em massa, como a mídia impressa e a cinematográfica. Analisa-se também, sob a ótica do *soft power*, a construção do capital cultural resultante da política externa propagandista do regime nazista na região.

Somado a isso, este capítulo também tem como intenção refletir sobre como a questão racial, aspecto importante dentre os ideais nazistas, foi apropriada pelos brasileiros e alemães residentes no Brasil.

### 4.1 A propaganda nazista como instrumento de *soft power* no Brasil

O Partido Nazista na Alemanha do III Reich, através da Organização do Partido Nazista no Exterior (*Auslandsorganisation der NSDAP*, ou A.O.), mobilizou recursos para a organização de atividades partidárias que auxiliassem na difusão dos ideais nazistas em território internacional, e no Brasil não foi diferente. Segundo a historiadora Ana Maria Dietrich (2007), a relevância da A.O. consistia no seu trabalho em prol dos objetivos do NSDAP no exterior quanto aos interesses “comerciais, culturais e/ou imperialistas do governo de Adolf Hitler” (2007, p.134). Sobre a finalidade da instituição, Dietrich (2007, p.147) afirma que:

A A.O. foi a instituição por excelência incumbida de difundir os ideais pangermanistas. Ela deveria centralizar as atividades e a propaganda do partido no exterior, mantendo também, em termos de poderes, a subordinação política deles ao controle da central.

Também era função da Organização a “difusão ideológica e da contrapropaganda de seus adversários” (LUCAS, 2011, p. 28). Segundo a historiografia que trata sobre a atuação do partido no Brasil, as atividades realizadas eram segmentadas da seguinte forma:

[...] encargos organizacionais (tais como a organização de reuniões semanais, elaboração de relatórios para a A.O. e a estruturação de instituições agregadas ao NSDAP, como, por exemplo, as associações voltadas à juventude, às mulheres, aos professores); ações de propaganda (publicação de jornais e folhetos, transmissão de programas de rádio, promoção de sessões especiais de cinema, organização de palestras etc); festividades (comemorações de datas do calendário nazista) e incentivo à viagens e intercâmbios, dentro do Brasil e com a Alemanha. (LUCAS, 2011, p.58).

Um dos principais periódicos publicados no Brasil era o jornal *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), de tiragem semanal e veiculado em São Paulo, considerado também o órgão oficial do NSDAP em solo brasileiro. A historiadora Dietrich (2007) analisou a primeira edição

do fascículo circulada no país, em 16 de março de 1932, ano anterior à chegada do Führer à chancelaria.

Segundo a pesquisadora Ana Paula Dietrich (2007), foram identificados termos em alemão “que se referem a um ‘despertar’, ‘acordar’ desta comunidade alemã ao ‘novo tempo’ que estava surgindo na Alemanha com o movimento nacional-socialista” (DIETRICH, 2007, p. 153). A mensagem parece ter o propósito de mobilizar e gerar uma expectativa positiva na comunidade alemã à luz da figura de Adolf Hitler como fio condutor dessas mudanças. A Figura 1 (a seguir) ilustra o fascículo em questão.

Figura 1 – Capa do Deutscher Morgen, 1932, Ano I, nr. 01



Fonte: Biblioteca Digital da UNESP.

Somado ao espaço de destaque ocupado pelo *Führer* na capa do *Deutscher Morgen*, a publicação ainda apresenta a estética particular ao movimento nazista, através da utilização de símbolos como a suástica<sup>3</sup> e a águia<sup>4</sup>, comumente utilizados pela propaganda nazista pra representar os valores do partido.

Ainda referente aos elementos da Figura 1, o *Deutscher Morgen* redigia os seus fascículos exclusivamente em língua alemã, até 11 de agosto de 1939, quando o jornal começa a publicar artigos em português e alemão<sup>5</sup>. De acordo com Weber (2015), a comunidade de língua é uma das fontes capazes de alimentar os sentimentos de comunidade nacional, conforme descrito no capítulo anterior deste trabalho. Nesse sentido, o periódico foi capaz de divulgar, em língua materna, a propaganda do NSDAP, enaltecendo a pátria mãe dos alemães que agora residiam do outro lado do Oceano Atlântico, promovendo a manutenção dos vínculos afetivos deste grupo com a *Grossdeutschland* (Grande Alemanha) e os ideais nazistas.

Quando o Estado Novo (1937-1945) implementa a campanha de nacionalização, em 1939, uma das suas exigências para o “abrasileiramento” da nação era o emprego da língua portuguesa como expressão de brasilidade, impondo entre as organizações comunitárias étnicas, principalmente no sistema de ensino, a utilização do português de forma imperativa (SEYFERTH, 1997). “Assim, progressivamente, desapareceram as publicações em língua estrangeira, principalmente a imprensa étnica (...)” (SEYFERTH, 1997, p. 97).

Como resultado da adaptação à nova legislação imposta pelo governo brasileiro, o *Deutscher Morgen* passa a publicar os seus periódicos com artigos nas duas línguas, português e alemão, como descrito anteriormente. A Figura 2 (a seguir) corresponde ao fragmento de uma reportagem intitulada “Judaísmo Massacrador de Povos: fatos históricos demonstrativos das trapaças judaicas para a obtenção do domínio mundial”, publicada em 5 de setembro de 1941, cujo fascículo é redigido, na sua totalidade, em língua portuguesa.

A reportagem em questão ocupa uma página e meia do periódico e busca convencer e justificar o antissemitismo como sendo necessário para solucionar um “problema” social histórico. Em termos de linguagem midiática, uma outra questão a se destacar, além do apelo para o “despertar” da raça alemã – identificado na linguagem da Figura 1–, a Figura 2 associa

---

<sup>3</sup> Popular símbolo utilizado pelo movimento nazista. “[...] na cruz suástica a missão da luta pela vitória do homem ariano, simultaneamente com a vitória da nossa missão renovadora que foi e será eternamente anti-semítica.” (HITLER, 1983, p. 460)

<sup>4</sup> “Na combinação simbólica do nacional-socialismo sobressaem as características agressivas, poderosas e místicas da águia. À representação imponente junta-se o poder sedutor da suástica, num conjunto que desafia o divino tentando impor-se aos demais” (DIEHL, 1996, p. 106).

<sup>5</sup> Biblioteca da UNESP.

o judaísmo como algo que, historicamente, perturba e ameaça a ordem e a prosperidade da humanidade.

Figura 2 – Trecho de reportagem antissemita publicada no *Deutscher Morgen*: Aurora Alemã, 1941, Ano 10, n. 36

### Impera o deus Mâmon

A cobiça irrefreável de ouro e a indescritível e inatural imoralidade fizeram dos judeus a nação mais desprezada do Oriente. Todas as desvirtudes notadas no judeu dos tempos modernos, desvirtudes cuja origem os israelitas querem atribuir à reclusão em que eram tidos, na Idade Média, nos «ghettos» que lhes são de odiosa memória, todas as suas desvirtudes, dissesmos, e defeitos, lhes são inatos, próprios da massa do sangue judeu, herança de raça do judaísmo e já como tais notados no século VII A. C. Leia-mos a acusação tremenda do profeta Jeremias, lançada contra Judá: «Dai voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora, e informai-vos, e buscai pelas suas praças, a ver se achais alguém, ou se há um homem que pratique a justiça... porque ímpios se acham entre o meu povo, armam laços perriciosos, com que prendem os homens; são as suas casas cheias de engano: por isso se engrandeceram e enriqueceram. Engordam-se, alisam-se, e ultrapassam até os feios dos malignos; desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à avareza; e desde o profeta até ao sacerdote, cada um usa de falsidade.» Cap. 5 e 6. Eis porque, entre todos os povos do Oriente em cujo meio habitavam judeus, de continuo se levantavam chefes de movimentos anti-semitas, repressivos da pretenciosa arrogância judaica. Quando, no século V da era cristã, os judeus residentes no império pérsico, enriquecidos como fornecedores do exército persa, apesar dos sacrifícios enormes de sangue dos persas em luta com os gregos e apesar da fome, a flagelar o país, se entregavam a uma desavergonhada vida de devassidão e até, na corte de Susa, conseguiram prender nas suas malhas e tornar favorável aos seus gananciosos intentos o soberano, ergueu-se o primeiro estadista anti-semita da História, de nome Haman, persa da mais nobre e ariana linhagem, levando o seu aviso ao rei Assuero, aviso esse que tem no século XX nada perde do seu valor. El-le: «Existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as leis do rei; pelo que não convém ao rei deixá-lo ficar.» Ester, cap. 1:8. O caráter judaico, já há dois mil e quinhentos anos nada mais visando que o inescrupuloso explorar dos povos que proporcionavam hospitalidade aos semitas, impõe por isto mesmo a mais cabida exigência do afastamento do judaísmo de todos os setores de atividade do Estado moderno. Justificativa histórica e até clássica oferece para tanto o anti-semita e inimigo destemoroso da corte do soberano de Susa.

Fonte: Biblioteca Digital da UNESP.

Na Figura 2, são identificadas frases que caracterizam os judeus como uma raça inerentemente perigosa, como “...todas as suas desvirtudes, dissemos, e defeitos, lhes são inatos, próprios da massa do sangue judeu, herança de raça do judaísmo e já como tais notados no século VII A.C.” e “...impõe por isto mesmo a mais cabida exigência de afastamento do judaísmo de todos os setores do Estado moderno.”. Além da utilização de termos como “cobiça irrefreável”, “indescritível e inatural imoralidade”, “avareza”, “falsidade”, “pretensiosa arrogância”, entre outros, ao descrever o povo judeu.

O antissemitismo é amplamente conhecido como um pilar essencial da política nazista de poder encabeçada pelo *Führer*, e os elementos textuais identificados na Figura 2 evidenciam alinhamento com as ideologias defendidas pelo líder alemão em sua obra, *Minha Luta* (1983). Algumas afirmações presentes no livro de Adolf Hitler (1983) e utilizadas para descrever a comunidade judaica são: “o judeu é que apresenta o maior contraste com o ariano”; “presunção fora do comum”; “o judeu destrói as bases da economia nacional”; “o judeu mente sempre e que uma ou outra verdade é apenas o disfarce de uma falsidade e por isso sempre uma mentira”, procurando justificar a “ameaça” que o povo judeu representa, também defendido na Figura 2.

Enquanto ferramenta de mídia utilizada pelo Partido Nazista para a comunicação e difusão da ideologia nazista para as massas, o trecho da reportagem do *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), ilustrado na Figura 2, apresenta outro elemento interessante para análise, a absorção da mensagem de supremacia racial de forma amplificada. O fato de o jornal, a partir do segundo semestre de 1939, ter circulado com o mesmo caráter propagandista também em língua portuguesa, pode ter possibilitado que a doutrinação ideológica nazista fosse assimilada por um grupo de pessoas mais diversificado, expandindo sua influência entre os indivíduos que não tinham domínio da língua alemã.

O *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), nesse contexto, se apresentava como amplificador da ideologia nazista não só entre os *Auslandsdeutsch* (alemães no exterior), mas também entre grupos não-alemães e simpatizantes dos valores da raça ariana ao longo de quase uma década. Digno de nota, o *Deutscher Morgen* não exercia essa função sozinho, outras publicações como o *Der Nationalsozialist*, no Rio de Janeiro, e *Deutscher Klub*, em Pernambuco, também divulgavam periodicamente os ideais nazistas presentes nos discursos de Adolf Hitler, a fim de reforçar a conservação da raça ariana e do sangue germânico fora do território alemão (DIETRICH, 2007).

O empenho do governo alemão em disseminar as ideologias nazistas, através da mídia impressa no Brasil, representa apenas um exemplo de evidente manifestação do seu *soft power*

na região. Se para Joseph Nye (2004), o *soft power* é a habilidade de moldar a preferência de outros e, sendo a cultura um dos instrumentos capazes de moldar essas preferências, fica explícito como a Alemanha de Adolf Hitler fez uso desse recurso, propagando a identidade supremacista ariana, sua cultura e seus valores como ideais, utilizando a propaganda como ferramenta de política externa e dominação.

A atuação do projeto nazista de poder também se fez presente no mercado cinematográfico do Brasil, especialmente entre os anos 1933 e 1936, após consistente centralização da produção de filmes que trabalhassem em prol dos interesses políticos e ideológicos da Alemanha nazista. Somado a isso, esse também era o melhor momento nas relações comerciais entre a Alemanha e o Brasil (ISOLAN, 2018).

Para o historiador e especialista na política cultural do regime nazista no Brasil através do cinema, Flaviano Bugatti Isolan (2018), a relevância do mercado cinematográfico brasileiro para a Alemanha na *Kulturkampf* (luta pela cultura) é demonstrada através da atenção dada pelo Ministério da Propaganda da Alemanha ao representante e distribuidor da companhia de produção cinematográfica estatal alemã (*Unversum Film AG*, ou Ufa) no Brasil, Ugo Sorrentino. Isolan (2018, p. 186-187) afirma que:

[...] Ugo Sorrentino, viajava a Berlim e negociava pessoalmente com o Ministro da Propaganda alemão, Joseph Goebbels, os filmes que seriam distribuídos no Brasil. Desta forma foi possível levar aos cinemas brasileiros ao longo da década de 1930 vários filmes produzidos sob o nazismo, tanto os chamados ‘filmes de propaganda’ do regime (*Propagandafilm*), como os ‘filmes de entretenimento’ (*Unterhaltungsfilme*) e as operetas (comédias musicais), além de documentários e filmes educativos (*Kulturfilme*) e dos ‘jornais de tela’ ou ‘jornais cinematográficos’ (*Ufa-Wochenschauen*) [...].<sup>6</sup>

As regiões com maior número de cidadãos alemães e presença de células do NSDAP contavam com a exibição de filmes e documentários que representavam a prosperidade da Alemanha de Hitler. Essas atividades faziam parte da agenda propagandista exercida pela A.O. no Brasil (DIETRICH, 2007), que executava o trabalho em conjunto com os consulados e vice-consulados alemães, e davam acesso gratuito às exibições em cinemas e instituições de ensino naquela região (ISOLAN, 2018). Isolan (2018) apresenta como destaque a exibição do filme “Mocidade Heróica” (*Hitlerjung Quex*, Ufa/1933), por se tratar do “primeiro filme de

---

<sup>6</sup> Isolan (2018) destaca que os filmes produzidos sob o regime atendiam às demandas propagandistas do governo alemão, independentemente do tipo. Segundo o autor: “Os vários filmes produzidos sob o nacional-socialismo, tanto os filmes de ‘entretenimento’ (*Unterhaltungsfilme*), como os de ‘propaganda’, serviam aos interesses do regime e sua ideologia. Aqui me refiro aos filmes de ‘propaganda’ àqueles, cujos enredos abordavam temas eminentemente políticos ou eram alusivos à Alemanha nazista e ao Partido Nazista.” (ISOLAN, 2018, p.187)



propaganda nazista produzido pela Ufa patrocinado pelo recém empossado novo regime” (2018, p.188), cujo cartaz está representado na Figura 3 (a seguir).

Figura 3 – Cartaz do filme *Hitlerjunge Quex*, Ufa/1933.



Fonte: Deutsche Welle, 2014.

O filme apresenta os comunistas como um grupo de indivíduos violento, desonesto, desleixado e vulgar – a vulgaridade sexual é constantemente reforçada, inclusive é caracterizante das jovens comunistas do gênero feminino no filme –, com predisposição a vícios, como bebida alcoólica e jogo. A produção é protagonizada por um jovem alemão, com evidentes traços físicos apreciados pela raça ariana, mas que pertence a uma família comunista. O jovem não se identifica com os valores e comportamentos reproduzidos pelo grupo, principalmente pelo seu pai, um homem virulento, bêbado e que se aproveita do trabalho da esposa para sustentar seus vícios.



Se faz necessária uma análise sobre o fato de o regime nazista atribuir características moralmente degradantes para grupos que considerava inimigos do seu ideal de sociedade, enquanto enaltecia a cultura “verdadeiramente germânica” nas comunicações de massa, novamente exemplificando um mecanismo efetivo de *soft power* no Brasil através de exhibições cinematográficas em solo brasileiro que servissem esse propósito cultural.

Em *Hitlerjunge Quex*, o grupo representado pelos “Nazi” se apresenta de forma oposta aos comunistas, são indivíduos disciplinados, educados, prósperos e admiráveis. Além disso, mostram-se acolhedores e gentis com os simpatizantes à causa, porém sempre fiéis ao regime e às ideias do seu líder, o *Führer*. A partir disso, é possível identificar o filme como exemplo de recurso midiático utilizado pelo governo alemão como ferramenta para seduzir as massas quanto a “superioridade” cultural inerente à raça ariana.

A organização de exhibições cinematográficas, tal qual *Hitlerjunge Quex*, promovidos pelo regime nazista e, comprovado também pelo fato de as produções alemãs, entre 1933 e 1936, transformarem-se na principal concorrente de Hollywood no mercado cinematográfico em solo brasileiro (ISOLAN, 2018), evidenciam o trabalho de construção de um capital cultural alemão sobre o Brasil. Reconhecido por Joseph Nye (2013), o empreendimento de fatores intangíveis – a exemplo de ideias, valores e cultura – como sendo alguns dos recursos de *soft power*, a Alemanha demonstrou direcionar esforços nesse sentido, fortalecendo a sua influência como ator global nessa região.

#### **4.2 Povo não eleito: a incorporação do princípio racial nazista no Brasil e sua reconfiguração**

A ideia de cidadania alemã baseada na raça e no sangue orientava as ações da A.O., que buscava atrair a participação ativa dos chamados *Auslandsdeutsch* (alemães no exterior) através da promoção e divulgação de institutos e associações conectados ao regime nas suas localidades (LUCAS, 2011). Ainda sobre as atribuições da Organização, a historiadora Marionilde Magalhães (2014, p.136) acrescenta:

[...] a A.O. se constituía num órgão de informações sobre as possibilidades de realização de transações comerciais favoráveis ao seus país; a nazificação de alemães no exterior atendia ainda a um outro objetivo, qual seja, o de formar um reservatório de cidadãos do *Reich* para o caso de necessitarem recrutá-los em um eventual conflito militar.

O apoio nas eleições e a possibilidade de eventual recrutamento militar foram determinantes na decisão da A.O. em permitir que apenas cidadãos alemães se associassem ao

partido no exterior (MAGALHÃES, 2014), entretanto, esse pragmatismo não reúne apelo simbólico suficiente para seduzir as massas. Dietrich (2007, p.146) afirma que a proibição de não-alemães também estaria relacionada com o ímpeto da A.O. em reunir uma grande “raça de eleitos” ou uma classe de “elite do *Führer*” em seu partido, reforçando o protagonismo que a questão racial possuía para a política internacional alemã daquele momento.

O *soft power* exercido pelo Partido Nazista nesse caso parece servir dois propósitos distintos: para o Estado, pois em caso de guerra ou eleições possibilitaria que o partido concentrasse menores esforços em eventual mobilização desses cidadãos que residiam no Brasil. E a nível individual, pela legitimidade social e prestígio envolvidos em fazer parte de uma instituição associada a uma “elite” racial, cultural e ideológica. É válido ressaltar que os efeitos individuais causados por essa política nazista não ocorrem exclusivamente na comunidade de cidadania alemã.

O fato do envolvimento institucional com o Partido Nazista ser restrito aos cidadãos alemães locais, somado às orientações explícitas da A.O. para que os membros do partido “mantivessem em segredo suas táticas de ação” (MAGALHÃES, 2014, p. 137), ao mesmo tempo que marginalizava os descendentes de alemães (teuto-brasileiros) e os simpatizantes não-alemães, seduzia-os:

[...] a tônica sobre o caráter secreto daquelas práticas parece se configurar em uma das peças recorrentes da regra do jogo de sedução deste sistema, em todos os níveis de suas articulações. (MAGALHÃES, 2014, p.137).

A atração de grupos não-alemães pelas ideias que circulavam dentro deste sistema exclusivo e institucionalmente inacessível, somado ao papel exercido no imaginário da sociedade brasileira sobre a imagem do sujeito alemão “como um indivíduo exatamente idêntico a outros membros da sua cultura, forte, guerreiro, desprovido de sensibilidade, um autêntico filho de Odin” (MAGALHÃES, 2014, p.57), são conceitos essenciais para compreender a permeabilidade da ideologia nazista na sociedade brasileira e a ânsia social local em se tornar uma nação “civilizada” aos moldes do Velho Mundo, e, nesse caso, o germânico.

Dietrich (2007) aponta uma particularidade na relação entre a comunidade alemã e a brasileira, as “barreiras raciais”, que não eram esquecidas pelo Partido Nazista e precisavam ser acatadas. Segundo a historiadora, “a convivência de alemães com judeus era rara (...). Com os negros, os mestiços, os brasileiros e os povos de outras raças, ela era rotineira” (DIETRICH, 2007, p. 195).

Se aplicada a criticidade encabeçada pelo argumento pós-colonial e seus estudos sobre raça, temos uma representação das análises de Quijano (2005) na relação de separação entre o

européu e o não-européu e a formação de uma hierarquia racial como elemento constituinte do padrão de dominação colonial. Enrique Dussel (1997) também reflete sobre a relação entre civilizações, ao analisar o estudo de Domingo Faustino Sarmiento (1967) sobre a questão: “vêm-se a um tempo duas num mesmo solo: uma nascente (...); outra que, sem cuidar-se do que tem a seus pés, tenta realizar os últimos resultados da civilização europeia.” (SARMIENTO *apud* Dussel, 1997, p. 121). Esse elemento aparece caracterizado em relatórios da A.O., em 1938, ao se referir ao Brasil:

Segundo relatórios, (...), o Brasil deveria ser grato pela imigração alemã, pois os germânicos, além de serem ótimos colonos, representaram uma melhora na raça brasileira. As mulheres alemãs poderiam ser, ao mesmo tempo, boas esposas, enfermeiras e ensinar alemão para as crianças. Uma família alemã poderia significar ‘sete crianças loiras’. (DIETRICH, 2007, p. 198).

A mentalidade segregadora era discurso predominante no partido e defendida a partir do argumento de que “a união entre os alemães não dependeria da região que se encontravam, mas do sangue” (DIETRICH, 2007, p. 195). O reforço constante dessa aspiração às condições sociais da Alemanha, pautado fortemente pela hierarquia racial nas diferenças coloniais, apresenta um dos elementos de dominação social – a raça – estudados pelo Grupo Modernidade/Colonialidade, pois fundamenta a origem de outras diferenças, que ainda sim, reforçam a manutenção do domínio europeu/colonizador.

No caso do Brasil, a aplicação dos recursos intangíveis de *soft power* alemão – ideias, valores e cultura, por exemplo –, mesmo que racialmente opressores ao povo brasileiro, foi bem-sucedida, do ponto de vista de conversão de poder para o regime nazista. A conversão de poder através do *soft power*, segundo Joseph Nye, depende da capacidade do Estado em criar “credibilidade e confiança, de inspirar respeito, admiração, imitação e adesão.” (NYE *apud* Silva, 2017, p.13), características identificadas nos grupos de simpatizantes não-alemães do Partido Nazista em solo brasileiro, por exemplo.

A ideia de “inferioridade racial” do brasileiro identificada nos relatórios da A.O. e o reforço institucional, por parte do Partido Nazista, na não-miscigenação do cidadão alemão com os nativos (DIETRICH, 2007), dialoga diretamente com a implementação social das teorias raciais eugenistas que ganharam força na comunidade científica brasileira no século XX, e que também fundamentavam “cientificamente” a ideologia nazista. Caracteriza-se, assim, um sistema complexo de incorporação, por parte do brasileiro, de valores eurocêntricos historicamente submetidos às civilizações colonizadas, como o Brasil, mas agora empreendido pelo projeto nazista de poder.

## **5 A PRESENÇA DO PENSAMENTO NAZISTA NA CONTEMPORANEIDADE: O NEONAZISMO BRASILEIRO COMO SINAL DE VITALIDADE DA IDEOLOGIA NAZISTA NO PAÍS E A SUA PROPAGANDA**

Neste capítulo será realizada uma análise sobre nazismo e neonazismo e o papel que o empreendimento de *soft power* possui na relação entre os dois movimentos. O neonazismo, no Brasil, será analisado, a partir do *locus* da internet e sua atuação no contexto contemporâneo. Estuda-se também aspectos que envolvem o comportamento de grupos e/ou indivíduos que compartilham da ideologia nazista a partir de uma relação de identificação com figuras políticas nas épocas atuais.

Por fim, partindo da criticidade do pensamento pós-colonial, uma reflexão será realizada sobre a manutenção na relação hierárquica inter-racial, defendida pela ideologia nazista – historicamente presente na sociedade brasileira - e perpetuada pelo movimento neonazista e seu ideário.

### **5.1 Movimento neonazista brasileiro: um emprego bem-sucedido de *soft power* do regime nazista com impactos na contemporaneidade**

O Partido Nazista, como analisado ao longo deste trabalho, adquiriu importante capital político através do suporte popular construído ao longo de muitas décadas de robusta propaganda ideológica em torno da utopia germânica de sociedade, não só sobre o território alemão, mas em diversos países ao redor do mundo. Enquanto regime político e movimento internacional, o nazifascismo foi derrotado com o término da II Guerra Mundial, em 1945, mas isso não significou a sua completa eliminação.

O historiador e cientista político, Paulo Fagundes Vízentini (2000), apresenta diversos elementos históricos e políticos que viabilizaram a manutenção da presença do nazifascismo no cenário internacional, mas dá destaque ao papel exercido pelas “revoluções ultranacionalistas ou socialistas que atingem o Terceiro Mundo, da Nicarágua à Angola, do Irã ao Vietnã” (VÍZENTINI, 2000, n.p.), na década de 70, como o ponta pé do esgotamento da “simpatia que existia na classe média europeia pelo Terceiro Mundo - e que muitas vezes era uma espécie de ‘alívio da consciência de seu próprio passado’.”(VIZENTINI, 2000), pois esses conflitos culminaram na crise do petróleo, resultando em uma recessão econômica que também atingiu a realidade europeia.

Outro elemento analisado por Vízentini (2000) é a xenofobia atrelada à grande competitividade no preço das mercadorias dos países periféricos da Ásia, advindos do “milagre asiático”, que o autor chama de “capitalismos bem-sucedidos no Terceiro Mundo” (VÍZENTINI, 2000), associada à estagnação industrial e aumento do desemprego vivido pela Europa. Somados às mudanças nos fluxos migratórios, do Sul para o Norte, ocasionados a partir dos anos 70 (VIZENTINI, 2000), é reacendida na classe média europeia a mentalidade de que o indivíduo externo à sua comunidade racial é tido como um “parasita”, agente da degradação do seu ideal de sociedade, uma verdadeira ameaça, tão característica do discurso ideológico nazista na sua busca pelos responsáveis por suas desventuras.

Os aspectos levantados até o momento facilitam a análise do revigoramento do nazismo na contemporaneidade, pois demonstram que a sua ideologia resistiu à derrota em 1945 e seguiu influenciando - culturalmente e politicamente - grupos sociais, cuja conduta é marcada pela “presença da intolerância em relação ao outro e da dicotomia superioridade/inferioridade racial.” (JESUS, 2003, p.68). Sobre a relação entre nazismo e neonazismo, o pesquisador Carlos Augusto Nóbrega de Jesus (2003, p.68) aponta que:

[...] não se pode dizer que as iniciativas do neonazismo diferem demasiadamente das do nazismo original e que a questão da superioridade racial não existe no seio destes grupos. Eles conservam a segregação cultural, mas também, ao contrário do que alguns historiadores e sociólogos apontam, cultivam a crença na “superioridade racial” e aos símbolos e agentes do nazismo alemão.

O neonazismo representa então, um resgate aos elementos do projeto nazista tradicional de poder - pautado sobre uma inerente superioridade atribuída à raça ariana -, mas agora ambientado em um novo contexto histórico, social, cultural, econômico e tecnológico. Dentre os elementos resgatados pelo neonazismo, estão compreendidos também os símbolos nazistas que passaram a fazer parte da vida social alemã durante o regime de Adolf Hitler (CONDE, 2006). Oliveira (2015, p. 4-5) caracteriza o neonazismo como um grupo que busca:

[...] a aceitação pública do nazismo como uma orientação política legítima; o endurecimento das leis de migração, sobretudo no território europeu; o orgulho “racial”, “nacional” ou mesmo “pancontinental” (no caso dos grupos neonazistas europeus); o estabelecimento político, econômico, cultural e social da superioridade da “raça ariana”; e a criação de estados totalitários ancorados no nacionalismo étnico-racial. Além disso, o revisionismo do Holocausto promovido pelos nazistas e a aversão a orientações de gênero e de sexualidade alheias ao padrão heteronormativo são características predominantes.

O entendimento sobre a natureza do neonazismo é interdisciplinar e a sua caracterização não é homogênea (NUNES, 2020). O historiador David Goulart Nunes (2020), observa duas

naturezas que dão forma ao neonazismo: “uma política e outra puramente militante” (2020, p. 23). Enquanto a primeira se propõe a trabalhar na implementação da ideologia nazista através dos meios políticos tradicionais/institucionais de organização partidária, a segunda natureza – a militante – articula a imposição do seu sistema de crenças aplacando outros movimentos sociais que, para o grupo, representem o multiculturalismo. Nunes (2020) faz uso do estudo de Oliveira (2015), ao caracterizar a parcela neonazista pertencente à natureza militante como um “antimovimento social”. (NUNES, 2020, p. 24)

Digno de nota, é importante ressaltar que a concentração de esforços políticos voltados para a reunião de recursos culturais/ideológicos através da organização propagandista nazista sobre os indivíduos, nos âmbitos nacional e internacional, não faz mais parte da estratégia política da Alemanha desde o término da II Guerra Mundial. Porém, se faz necessária uma análise sobre o sucesso do empreendimento de *soft power* do regime nazista sobre os demais países, uma vez que, mesmo após quase um século do seu fim, continua exercendo atração ideológica e cultural sobre diversos grupos, independente da sua natureza – política ou militante -, mesmo que estes não compartilhem da mesma comunidade racial que a germânica. Para compreender a extensão da influência cultural do movimento nazista na contemporaneidade, se faz necessária uma interpretação que considere estudar o neonazismo através de uma lente que enxergue as particularidades advindas das épocas atuais (DIAS *apud* NUNES, 2020), e essas peculiaridades perpassam pelas transformações tecnológicas da sociedade.

No Brasil, Adriana Nunes, pesquisadora e doutora pela UNICAMP, se dedica ao estudo da atuação do movimento neonazista no país, em particular no âmbito digital. Dias (2004; 2007) instrumentaliza a tecnologia de forma pertinente nos seus estudos, ao tornar possível, por exemplo, a identificação de consistências em grupos tão diversos. Para a antropóloga, um desses aspectos se refere ao constante surgimento do tema que envolve a “preservação da raça ariana”, que legitima a ideia de uma “natural desigualdade” entre o grupo dominante e os demais (DIAS, 2004), ideia que também será revisitada mais adiante. Ao longo de anos de monitoramento na internet, a antropóloga identificou a existência de 72 células<sup>7</sup> de grupos neonazistas ativas no Brasil em 2015, 334<sup>8</sup> células em novembro de 2019 e 1.117 levantadas até novembro de 2022<sup>9</sup>.

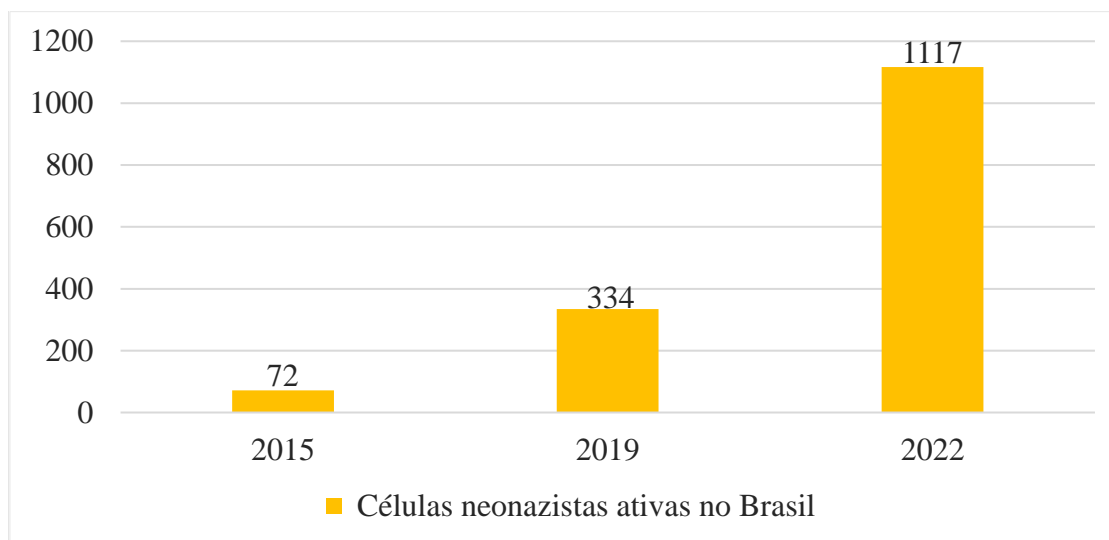
---

<sup>7</sup> Segundo critério utilizado por Adriana Dias (2022), o termo compreende “atividades que reúnam ao menos três pessoas em redes sociais, aplicativos de mensagens e fóruns na internet”.

<sup>8</sup> O número correspondente ao monitoramento de células neonazistas em 2019 e foi disponibilizado por Adriana Dias (2011) em reportagem ao UOL, em 11 de novembro de 2019. Disponível em <<https://matheuspichonelli.blogosfera.uol.com.br/2019/11/18/brasil-tem-334-celulas-nazistas-em-atividade-diz-pesquisa/>> Acesso em nov. de 2022.

<sup>9</sup> As informações referentes ao monitoramento nos anos de 2015 e 2022 foram oferecidas por Dias, em uma reportagem à Revista Veja, em 28 de novembro de 2022. Disponível em:

Gráfico 01: A crescente presença digital de grupos neonazistas no Brasil.



Fonte: Gráfico autoral, elaborado a partir dos dados apresentados pela pesquisadora Adriana Dias, em entrevistas ao longo dos anos.

O levantamento aponta um aumento de, aproximadamente, 1451% no número de células neonazistas ativas no país durante o período monitorado. Segundo Dias (2022), a maior parte dessas células estão presentes no estado de São Paulo e nos estados da região Sul, com destaque para o estado de Santa Catarina. O historiador Guilherme de Andrade (2014) ainda ressalta a região Sul no processo de aceitação do preconceito racial nos grupos extremistas brasileiros. O autor atrela esse fato a alguns elementos como: a presença do NSDAP (na figura da A.O.) na região durante o regime nazista; o número expressivo de descendentes europeus na região, em particular de alemães; e o momento em que o Sul passa a receber migrações oriundas das regiões Norte e Nordeste. Esses fatores, segundo Andrade (2014) impulsionaram a radicalização de alguns grupos e/ou indivíduos, em particular os “White Power”, que possuem “como características o ultrarracismo e são considerados os grupos mais radicais e agressivos entre os movimentos da extrema direita.” (ANDRADE, 2014, p. 66)

Uma forma de avaliar a tendência representada no Gráfico 1, consiste no poder de atração que a ideologia nazista conquistou através da política de governo do regime de Adolf Hitler, concentrada em empreender *soft power* nos âmbitos nacional e internacional, através da sua propaganda ideológica/cultural. Do ponto de vista histórico, a ambição de organizar a criação da *Volksgemeinschaft* (Comunidade de Povo) – tema abordado anteriormente neste

trabalho - não surge durante o governo do *Führer*, na verdade, o conceito “esteve contemplado dentro da política territorial alemã desde os anos 90 do século XIX.” (DIETRICH, 2007, p. 145). Porém, o período em que o NSDAP adota a propaganda ideológica como uma ferramenta central de controle e manutenção deste controle sobre as massas, assim como instrumento consistente de difusão das práticas e valores da raça ariana, parece ter feito a diferença no seu alcance a longo prazo.

No Brasil, considerando a crescente presença de células neonazistas no país como efeito da atração ideológica/cultural sobre grupos e/ou indivíduos pela ideologia nazista, o *soft power*, institucionalmente, foi gerado apenas por aquilo que o governo alemão fez durante o regime nazista, uma vez que, a partir de 18 de abril de 1938, o Partido Nazista para o Exterior (NSDAP-A.O.) foi proibido de atuar no Brasil, assim como as demais agremiações políticas estrangeiras (DIETRICH, 2007). Sendo assim, é notável a capacidade de atração sustentada quase 85 anos após o encerramento formal das atividades realizadas pelas instituições nazistas no território brasileiro, conquistando uma penetração cultural e mantendo o imaginário da raça ariana em determinados grupos, sendo o tema capaz de expandir, com relevância, a discussão para os dias atuais.

## **5.2 Particularidades do neonazismo no Brasil: um debate sobre a questão racial**

Os grupos que compartilham da ideologia nazista são heterogêneos, e possuem motivações distintas quanto à sua organização e objetivos. Alguns surgiram durante a desaceleração econômica inglesa da década de 1960 (os chamados *skinheads*) e influenciaram os movimentos brasileiros dos anos 1980 (ANDRADE, 2016), outros surgiram a partir do final dos anos 90 ao desfrutar do anonimato oferecido pela internet (JESUS, 2003). Existem ainda aqueles grupos que se manifestaram através da expressão do revisionismo, construindo uma corrente que, segundo Magalhães (1997, p.3):

[...] é a efetiva herdeira do NSDAP e dela fazem parte indivíduos que se autodenominam simpatizantes do nazismo, sem o prefixo *neo*. Infiltram-se em vários partidos de direita[...].



Nunes (2020) aponta para uma clara “*tropicalização*”<sup>10</sup> do neonazismo”, ao identificar, por exemplo, no grupo chamado “Carecas do Subúrbio”<sup>11</sup>, um afastamento da herança racista que acompanhava os *skinheads* ingleses, grande influenciador do grupo brasileiro. Mas essa “tolerância com negros e imigrantes” (NUNES, 2020, p. 59) não era unanimidade no grupo, pelo contrário. Dessa forma, a questão racial se demonstra tão crucial na organização desses grupos que foi capaz de fragmentar o “Carecas do Subúrbio” em três:

os White Powers, que são principalmente racistas e xenófobos, tendo como principais grupos Front 88, Impacto Hooligan e Combat Rac; os Carecas, que são principalmente nacionalistas e homofóbicos, mas não racistas, tendo como principais grupos os Carecas do Subúrbio e os Carecas do ABC; e por último, os Punks, que são mais de caráter anárquico, tendo como principais grupos a Desordem Punk, Devastação Punk, e Vício Punk. (VALENCIA *apud* Nunes, 2020, p. 59)

Porém, este trabalho não visa investigar cada um desses grupos e/ou indivíduos militantes e seus desmembramentos, na verdade, busca indagar o movimento neonazista brasileiro como um todo e o que os aproxima, não o que os difere, especialmente no que se refere ao seu comportamento político/social, a retomada dos símbolos, dos ideais nazistas no contexto nacional e como eles se articulam, culturalmente e/ou politicamente. Inclui-se aqui também os chamados “lobos solitários” – não integrantes de nenhuma célula neonazista – que acabam se identificando “em políticos que, por mais que não sejam estritamente partidários de suas ideias excludentes, se assemelham a alguns de seus posicionamentos.” (NUNES, 2020, p.63)

É válido ressaltar que o elemento legal também exerce influência sobre os estudos realizados em torno do movimento neonazista. De acordo com a Constituição Federal, a apologia ao nazismo é crime previsto em lei<sup>12</sup>, o que torna ainda mais sensível a associação de eventos que apresentam variados elementos que conversam com o nazismo. Isso porque, por possuir um caráter ilícito, acaba por inibir a manifestação mais explícita de alguns atores envolvidos nos atos, uma vez que, certas vezes, eles tentam se distanciar de tais acusações (NUNES, 2020).

<sup>10</sup> O historiador David Goulart Nunes (2020) faz alusão à tese de doutorado de DIETRICH, Ana Maria. “**Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**”. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH- USP, São Paulo, 2007.

<sup>11</sup> Considerado precursor do neonazismo no Brasil, os Carecas do Subúrbio surgiram no ABC paulista conjuntamente com a crise econômica brasileira da década de 80. Ele era composto por “jovens trabalhadores das indústrias e comércio de São Paulo.” (Barbosa *apud* NUNES, 2020, p. 57), e cuja insatisfação com o mercado de trabalho no Brasil só crescia.

<sup>12</sup> Lei Federal Antirracismo (Lei 7.716/89 Art. 20 § 1, substituída pela Lei 9.459/97, de 13 de maio de 1997). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm)> Acessado em: 04 de dez. de 2022.

Outro ponto importante sobre a importância da cautela ao associar o termo “neonazista” a grupos e/ou indivíduos é levantado por Dias (2020, p.62):

O cuidado, aliás, é de dever moral, uma vez que o ato de reconhecer um movimento, indivíduo ou ideia como sendo de estirpe neonazista compreende uma séria acusação.

Por isso, é escolha deste estudo discutir eventos que trazem elementos ideológicos que conversem diretamente com o arcabouço de ideias e políticas defendidas pelo Partido Nazista alemão, bem como o seu ideal de sociedade - como a questão hierárquica racial - e o comportamento de grupos assumidamente alinhados ideologicamente com o nazismo.

A antropóloga Adriana Dias, em diversos registros<sup>13</sup>, associa a ascensão do protagonismo político exercido por Jair Bolsonaro ao crescimento da presença e atuação dessas células neonazistas (Gráfico 1), assim como a sua subsequente radicalização. Tanto as suas análises, como os estudos organizados por David Goulart Nunes, em sua dissertação do ano de 2020, evidenciam uma relação de identificação e apoio político/ideológico entre os grupos neonazistas e o presidente eleito em 2018, o que, para este pesquisador, ocorreu antes mesmo da sua eleição presidencial. Segundo Nunes (2020, p. 69), esta aproximação se deu devido à “impossibilidade constitucional” desses grupos se expressarem politicamente no Brasil, por isso, eles se alinham a figuras públicas que o fazem, a exemplo de Jair Bolsonaro.

Como exemplo direto dessa relação de alinhamento entre grupos extremistas com o discurso expressado por Bolsonaro, Nunes (2020) analisa a reação de alguns grupos extremistas após a participação do político (naquele momento, ainda deputado federal), no extinto programa CQC, transmitido nacionalmente pela TV Bandeirantes, em 2011<sup>14</sup>. Nunes (2020) investigou que, após a exibição do programa, composta por declarações racistas e homofóbicas<sup>15</sup>, a organização de um protesto começou a ser planejado “por comunidades no Orkut e pelo fórum Stormfront.org.” (2020, p. 70). Essa organização foi amplamente denunciada por veículos de

---

<sup>13</sup> “Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004”, de 28 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/>> Acessado em 28 de nov. de 2022; “Quase 1 milhão de pessoas leram material neonazista em 2021, diz pesquisadora”, de 18 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/2022/1/18/quase-milho-de-pessoas-leram-material-neonazista-em-2021-diz-pesquisadora-108905.html>> Acessado em 05 de dez. de 2022; “Quatro fatores que explicam o avanço do neonazismo no Brasil”, de 28 de nov. de 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/quatro-fatores-que-explicam-o-avanco-do-neonazismo-no-brasil/>> Acessado em 30 de nov. de 2022. “O que explica a ascensão de grupos neonazistas no Brasil?”, de 18 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/crescimento-neonazismo-brasil-entrevista-adriana-dias-unicamp-115802446.html>> Acessado em 05 de dez. de 2022.

<sup>14</sup> No programa em questão, “Preta Gil perguntou a Jair Bolsonaro, na época deputado federal, como ele reagiria se algum de seus filhos se apaixonasse por uma negra; Bolsonaro respondeu que isso não aconteceria porque eles [...] foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”. Bolsonaro em resposta a outra pergunta, disse que seus filhos não corriam o risco de serem gays, pois, novamente, foram bem educados.” (NUNES, 2020, p. 70).

<sup>15</sup> NUNES, op. cit. 70.

imprensa na época, e Nunes (2020, p. 70) apresenta uma dessas convocações investigadas pela mídia:

Vamos dar o nosso apoio ao único Deputado que bate de frente com esses libertinos e Comunistas!!! Será um manifesto Cívico, portanto, levem a família, esposas, filhos e amigos... (Revista Veja *apud* NUNES, 2020).

Uma peça gráfica<sup>16</sup> (figura a seguir) foi publicada em uma comunidade do Orkut, administrada pelo grupo neonazista “*White Pride World Wide*”<sup>17</sup>, a qual foi utilizada para divulgar a organização desta manifestação, também chamada entre os integrantes do grupo de “ato cívico” em apoio a Jair Bolsonaro.

Figura 4 – Logo criado e divulgado na comunidade do Orkut administrada por extremistas neonazistas.



Fonte: Reprodução do UOL, em 06 de abril de 2011.

<sup>16</sup> Imagem divulgada em reportagem do Uol, em 06 de abril de 2011. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>> Acessado em 01 de dez. de 2022

<sup>17</sup> UOL, op. cit.16.

A Figura 4, apesar de não fazer uso dos conhecidos símbolos comumente ligados ao nazismo – como a suástica, por exemplo –, utiliza linguagem que transmite uma atmosfera de urgência e de caráter convocatório (“É HORA DE AGIR!”), componentes comuns à linguagem utilizada pelo Partido Nazista para se comunicar com as massas. Além disso, a imagem utiliza elementos que remetem fortemente aos sentimentos nacionalistas, ao fazer uso dos itens que compõem a bandeira do Brasil e as suas cores. Tal estratégia de comunicação também foi largamente utilizada na estética das propagandas ideológicas do regime nazista.

Segundo Nunes (2020), o “ato cívico” contou com a participação de alguns grupos neonazistas<sup>18</sup> na capital paulista. Segundo o autor, alguns dos manifestantes foram detidos por envolvimento em crimes de intolerância não relacionados ao evento em apoio a Jair Bolsonaro:

Aliás, dos que manifestaram apoio ao deputado, sete foram detidos pela polícia civil por terem cometido crimes de intolerância, e pertenciam ao grupo Impacto Hooligan. Um destes foi um dos responsáveis pelo atentado a bomba na Parada Gay de 2009. (NUNES, 2020, p.70)

A manifestação organizada em São Paulo, decorrente da mobilização desses indivíduos - alinhados ideologicamente com o sistema de crenças nazista - exemplifica o apelo que a questão racial exerce sobre o comportamento dos grupos extremistas. O elemento racial como denominador comum entre os grupos e/ou indivíduos neonazistas<sup>19</sup> também é objeto de análise de Dias (2007) em seus estudos. De acordo com a pesquisadora, o estabelecimento hierárquico racial é um componente predominante nas variadas células neonazistas. Dias (2007) afirma que, essa relação de hierarquia inter-racial é o “caminho evolutivo natural” utilizado como argumento pelos grupos neonazistas brasileiros analisados em seus estudos, e justifica “o seu direito de se reproduzirem desiguais.” (DIAS, 2007, p. 166). Essa relação de dominação, no caso do Brasil, transforma negros, judeus, homossexuais e nordestinos em inimigos (CONDE, 2006), “parasitas” do seu ideal de sociedade.

Para além das convicções ideológicas e a identificação de um “bode expiatório”, a radicalização atingiu outras escalas ao se deparar com o *locus* proporcionado pelo acesso à internet (ANDRADE, 2014), transformando o que se compreende como “exercício de liberdade

---

<sup>18</sup> Para mais detalhes sobre os grupos neonazistas envolvidos na manifestação em questão, recomendo o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História elaborado por Nunes, em 2020: NUNES, David G. “**A serpente sob a grama**: O neonazismo brasileiro e o fenômeno da internet”. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2020.

<sup>19</sup> Para informações específicas e nominais dos grupos neonazistas brasileiros que se manifestam pela internet analisados pela antropóloga Adriana Dias, sugiro a sua dissertação de mestrado: DIAS, Adriana Abreu Magalhães. “**Os anacronautas do teutonismo virtual**: Uma etnografia do neonazismo na Internet”. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2007.

de expressão” e a comunicação entre os simpatizantes da ideologia nazista. Por outro lado, as transformações tecnológicas que atravessaram o acesso à informação permitiram que uma análise mais aprofundada fosse realizada sobre o comportamento desses atores em circunstâncias menos inibitivas.

Em situação recente, um grupo de manifestantes, em São Miguel do Oeste, no estado de Santa Catarina, em ato organizado contra o resultado das eleições presidenciais de 2022 - na qual Jair Bolsonaro foi derrotado – aparece, em vídeo, realizando a saudação nazista (conhecida como “*Sieg Heil*”) durante a execução do hino nacional<sup>20</sup>, em 02 de novembro de 2022 (figura a seguir).

Figura 5 – grupo de manifestantes realizam a saudação nazista em protesto contra o resultado das eleições presidenciais de 2022, em São Miguel do Oeste, SC.



Fonte: Reprodução do jornal Estadão, de 02 de novembro de 2022<sup>21</sup>.

Após a repercussão deste evento, algumas entidades e figuras públicas condenaram o acontecimento, a exemplo da Confederação Isrealita no Brasil (Conib), a embaixada de Israel e o embaixador da Alemanha no Brasil, Heiko Thoms:

---

<sup>20</sup> Informações divulgadas em reportagem do jornal Folha de S. Paulo, de 02 de novembro de 2022 <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bolsonaristas-fazem-saudacao-nazista-em-sc-e-ministerio-publico-inicia-investigacao.shtml>> Acessado em 04 de dez. de 2022.

<sup>21</sup> Imagem divulgada em reportagem do jornal Estadão, de 02 de nov. de 2022 <<https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/mp-poe-grupo-especializado-em-crime-organizado-para-investigar-saudacao-nazista-em-ato-em-sc/>> Acessado em 02 de dez. de 2022

O embaixador alemão no Brasil, Heiko Thoms, publicou em sua rede social que “o uso de símbolos nazistas e fascistas por ‘manifestantes’ claramente de extrema direita é profundamente chocante”, e acrescentou que “apologia ao nazismo é crime!”. (ESTADÃO, 2022)

No mês anterior, a Polícia Civil do estado de Santa Catarina prendeu integrantes de uma célula nazista na mesma cidade<sup>22</sup>, que segundo dados do IBGE (2021), possui uma população estimada de 41.246 pessoas<sup>23</sup>. De acordo com as informações divulgadas pela investigação:

[...] o grupo se intitulava como a ‘Nova SS de SC’, em alusão à organização paramilitar ligada a Adolf Hitler. Os presos costumavam se reunir em um sítio, no qual usavam coletes e réplicas de uniformes nazistas, disse o delegado responsável pelo caso, Arthur Lopes, da Delegacia de Repressão ao Racismo e a Delitos de Intolerância. Entre os materiais apreendidos, segundo ele, estão roupas e adereços com símbolos nazistas [...] (FOLHA DE S. PAULO, 2022)

Os elementos aqui discutidos buscam apresentar as reverberações que o *soft power* empregado pelo regime nazista estabeleceu no Brasil contemporâneo, mas de forma alguma é objetivo deste estudo esgotar as discussões sobre o tema. Muitos exemplos não foram explorados, seja pelo fato de já terem sido pertinentemente analisados em outros estudos<sup>24</sup>, ou pela ausência de dados maduros sobre alguns desses eventos decorrentes da proximidade temporal desses acontecimentos e a elaboração deste trabalho.

Dito isso, este trabalho busca abrir espaço para uma reflexão sobre alguns elementos que parecem exercer influência ideológica/cultural na contemporaneidade local e na nossa construção como Estado-nação, partindo de uma criticidade pós-colonial - fortemente pautados pelo componente racial - e que, até as épocas atuais permanecem vinculados à manutenção de uma relação de dominação entre superiores/inferiores, rearticulando essa diferenciação entre “novos colonizadores” e colonizados, traduzido em uma nova forma de invisibilidade e violência, sobre os antigos moldes racistas.

Segundo Fanon, (*apud* TELLES; ZAMORA; ROZANTE, 2021), uma das principais estratégias de conservação da lógica e do pensamento colonial é representada pelo racismo. Por isso, para o autor, é necessária uma urgente transformação nos processos que envolvem a “produção de conhecimento”, tornando possível “que se perspetive outros mundos possíveis,

---

<sup>22</sup> Informações divulgadas pelo jornal Folha de S. Paulo, em 24 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/10/suspeitos-de-integrarem-grupo-neonazista-sao-presos-em-sc.shtml>> Acessado em 02 de dez. de 2022.

<sup>23</sup> Informação levantada e divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-miguel-do-oeste/panorama>> Acessado em 04 de dez. de 2022.

<sup>24</sup> Consultar as referências deste trabalho.

havendo assim, a abolição da lógica racial (...).” (TELLES; ZAMORA; ROZANTE, 2021, p. 82).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto objeto de estudo, o regime nazista foi, e ainda é amplamente analisado em diversas áreas, no Brasil e ao redor do mundo. Essa tendência demonstra a complexidade multidisciplinar que envolve o tema, especialmente pelo espaço que a ideologia nazista ocupou enquanto política de estado durante o período em que Adolf Hitler foi a sua principal liderança.

A partir das informações reunidas ao longo deste trabalho, analisa-se a construção do poder político e o exercício desse poder pela Alemanha nazista sobre Estados, em particular o Brasil, e sobre indivíduos, através da propaganda ideológica organizada e institucionalmente disseminada pelo Partido Nazista sobre as massas. Essa política propagandista se demonstrou capaz de exercer atração e influenciar as preferências de grupos específicos na região, a partir da projeção dos valores, ideologias, crenças e cultura tidos pelo regime nazista como ideais, mas não só com reverberações naquele período, como também na contemporaneidade, traduzidos no movimento neonazista local.

A análise também abrange as particularidades que envolvem a construção do ideário brasileiro sobre raça e sociedade, e a maneira como esse imaginário atuou na recepção da ideologia nazista na região. No Brasil, grandes foram os efeitos coloniais que atravessaram – e ainda atravessam - a nossa sociedade, sobretudo nas relações inter-raciais e nas marcas decorrentes dos abusos empregados pelo regime escravista (TELLES; ZAMORA; ROZANTE, 2021). Essa dinâmica de dominação colonialista dialoga diretamente com o ideário nazista – e, conseqüentemente, neonazista – de hierarquia racial. Assim como essa dinâmica não se encerrou com o fim administrativo da colonização portuguesa (TELLES; ZAMORA; ROZANTE, 2021), ela também não encontrou o seu término após a derrota institucional do imperialismo germânico de Adolf Hitler, em 1945. Seu sistema de crenças racista já havia sido assimilado pelas massas.

A construção social do Brasil parece, então, ter sido forjada em molde ajustado para a assimilação das ideologias difundidas pelo Partido Nazista. Uma vez que, as ideias sobre raça defendidas pelo nazismo compartilham, fundamentalmente, dos mesmos conceitos defendidos pelas teorias raciais europeias do século XIX - compartilhadas na sociedade brasileira no Período Imperial -, e que são retomadas pela política de branqueamento empregada pelo Estado Novo, na década de 30. Em torno do mesmo período, entre os anos 1928 e 1938<sup>25</sup>, o Partido Nazista no Exterior atuava legalmente em diversas regiões do país. Sendo assim, ao longo de

---

<sup>25</sup> DIETRICH, 2007, p. 373



vários momentos distintos da história brasileira, esse foi o modelo defendido como “ideal” e “moderno” de sociedade no Brasil.

Contudo, esse modelo eurocêntrico de “modernidade”, é acompanhado por uma escuridão, chamada por Mignolo (2017) de “colonialidade”. O autor ainda afirma (2017, p. 2) não haver modernidade sem colonialidade. Ao longo deste estudo, foram identificados elementos capazes de associar a ideologia nazista como parte dessa “escuridão”, que violenta e marginaliza o mundo periférico, por sua aversão à multiculturalidade e contínua manutenção de um sistema hierárquico eurocentrado.

Nas épocas atuais, esse mesmo sistema hierárquico fundamenta o movimento neonazista. No Brasil, a ideologia nazista se expressa com uma complexidade particular à região, composta por muitas contradições, porém reflexo de um processo histórico e de formação social construído ao longo dos séculos. Mais uma vez, buscando o que aproxima esses componentes, e não o que os difere, todos compartilham de uma “dimensão oculta”, como dito por Mignolo (2017): “*a dispensabilidade (ou descartabilidade) da vida humana, e da vida em geral, desde a Revolução Industrial até o século XXI.*” (MIGNOLO, 2017, p.4).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014. *E-book*.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. *E-book*.
- ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. Neonazismo, racismo e supremacia racial: a ideologia racial do Valhalla 88. **Revista Escrita da História**, v. 1, n. 1, p. 63-79, 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/8862879/Neonazismo\\_racismo\\_e\\_supremacia\\_racial\\_-\\_A\\_ideologia\\_racial\\_do\\_Valhalla\\_88](https://www.academia.edu/8862879/Neonazismo_racismo_e_supremacia_racial_-_A_ideologia_racial_do_Valhalla_88)>. Acesso em 10 nov. 2022.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.
- BERTONHA, João Fábio. A questão da ‘Internacional Fascista’ no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. **Revista Brasileira de Políticas Internacionais**. n. 43. v.1. pp. 99-118, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/WRYdFsXNNpLm6kh95tcnhmf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 out. 2022.
- BISOL, Benedetta. Racismo, corpo e liberdade: a filosofia do hitlerismo no Brasil hoje. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasília, n. 76, p. 126-141, ago. 2020.
- BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. **Revista Educar**, Curitiba, v. 1, n. 12, p. 153-165, 1996.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCAS, Taís Campelo (orgs.). **Expressões do Nazismo no Brasil**: partido, ideias, práticas e reflexos. Salvador: Saga, 2018.
- CONDE, ANANDA. **Neonazismo na Internet**: re-interpretação dos símbolos nazistas no Brasil. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.
- COOPER, Edited Andrew F; HEINE, Jorge; THAKUR, Ramesh (Org.). **The Oxford Handbook of Modern Diplomacy**. Oxford: Oxford University Press, 2013. *E-book*.
- COSTA, Jean Carlo de Carvalho. A modernidade e o problema nacional: Hermenêutica histórica das noções de ‘nação’, ‘etnia’ e ‘raça’ na teoria social clássica e contemporânea. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**. n. 2. v.17. Recife, 2006.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **LINKS DE ÓDIO**: Uma etnografia do racismo na Internet. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **OS ANACRONAUTAS DO TEUTONISMO VIRTUAL: Uma etnografia do neonazismo na Internet.** 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista,** São Paulo: Annablume, 1996.

DIETRICH, Ana Maria. Organização política e propaganda nazista no Brasil (1930-1945): o nazismo tropicalizado. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina, PR. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2005. p. 1-8.

\_\_\_\_\_. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil.** 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DUSSEL, Enrique. **Oito Ensaios Sobre Cultura Latino Americana e Libertação: Cultura Imperial, Cultura ilustrada e libertação da Cultura Popular.** São Paulo, Paulinas. 1997.

FERNANDES RODRIGUES, M. A.; MACHADO DA ROSA, K. Análise do discurso do ex-secretário especial da cultura: vozes (neo)nazistas e(m) diálogo tropicalizado. **Afluente: Revista de Letras e Linguística,** São Luís, n.19, v.6, p. 124–145, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16427>. Acesso em: 2 dez. 2022.

FERREIRA, Wallace. Uma análise revisionista de Adorno e Horkheimer em “A Dialética do Esclarecimento”, **Revista Eletrônica De Ciências Sociais.** ano 2, v. 5. 2008. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline>. Acesso em: 20 out. 2022.

GOBINEAU, de Arthur. **Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas.** Curitiba: antoniofontoura, 2021. *E-book*.

HAINSWORTH, Paul. **The extreme right in Western Europe.** Nova Iorque: Routledge, 2008.

HITLER, Adolf. **Minha luta.** São Paulo: Editora Moraes, 1983.

Hitlerjunge Quex. Dirigido por Hans Steinhoff. Ufa. 1933.

ISOLAN, Flaviano B. Cinema alemão no Brasil nos anos de 1920 e 1930: percursos de uma política cultural exterior. **Iberoamericana.** n. 69, v.18, p. 175-206, 2018.

JESUS, C.G.N. Neonazismo: uma nova roupagem para um velho problema. **Revista Akropolis,** Umuarama, v.11, n.2, p.67 -74, abr./jun., 2003.

KERSHAW, Ian. **Hitler.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LIMA, Andreza de Melo. Uma leitura sobre globalização e as concepções de poder em Joseph Nye. **Revista Eletrônica Examãpaku,** v.7, n.1, jan./abr., 2014. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/examapaku/article/view/2420>. Acesso em: 13 out. 2022

LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento**. 2011. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MAGALHÃES, Marionilde D. B. Neonazismo: o retorno da intolerância. **Tempo – Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 199-213, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Curitiba: SAMP, 2014.

MCKALE, Donald M. **The Swastika Outside Germany**. Kent: Kent University Press, 1977.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 01-18, 2017.

MONTEIRO, Felipe Carvalho. **PROPAGANDA IDEOLÓGICA E ASCENÇÃO DO PARTIDO NAZISTA AO PODERNA REPÚBLICA DE WEIMAR/ALEMANHA: A ECLOSÃO DO OVO DA SERPENTE**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2017.

NUNES, David G. **A serpente sob a grama: O neonazismo brasileiro e o fenômeno da internet..** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2020.

NYE, Joseph. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

\_\_\_\_\_. **The future of power: and use in the twenty-first century**. New York: Public Affairs, 2011.

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga. Blood & Honour: neonazismo e teoria dos movimentos sociais. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v.1, n.14, p. 159-179, 2015.

PEREIRA, Edérson da R. **Grupos neonazistas no Rio Grande do Sul: da realidade virtual à ficção histórica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Conselho Latinoamericano de Ciências Sociales - CLASO. Buenos Aires, 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 17 nov. 2022

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado; RIBEIRO, Marco Aurélio de Patrício. **Temas educacionais: uma coletânea de artigos**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RODRIGUES, M. A. F.; Rosa, K. M. Análise do discurso do ex-secretário especial da cultura: vozes (neo)nazistas e(m) diálogo tropicalizado. **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**,

São Luís, v. 6, n.19 p. 124–145, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16427>. Acesso em: 2 dez. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, G. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: Zarur, G. de C. Leite (Org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Ed. UnB, p. 81-109, 2000.

\_\_\_\_\_. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana: estudos de antropologia social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/FcywkSHVQZQsjgFsvrs3cpL/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**: Como ele pôde acontecer. São Paulo: Jandaíra, 2022. *E-book*.

TELLES, J. A.; ZAMORA, M. H. R. N.; ROZANTE, R. F. S. Colonialidade e Racismo no Brasil: a raça em questão. **POLÊM!CA**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 069-085, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/68344/42511> . Acesso em: 02 dez. 2022.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. O ressurgimento da extrema-direita e do neonazismo: a dimensão histórica e internacional. In: MILMAN, Luís; VIZENTINI, Paulo Fagundes (Coord). **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo político**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. Disponível em: <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/>. Acesso em 02 nov. 2022.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade Vol. 1**. Brasília: Unb, 2015.

WELCH, David. **The Third Reich** – Politics and Propaganda. Londres: Routledge, 2002.